

Bela Cândida de Azevedo Pereira Gonçalves

**Regionalismo/Universalismo
em Bento da Cruz**

Tese de Mestrado em

Estudos literários, Culturais e Interartes

Apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Sob a orientação da Professora Doutora Maria de Fátima Marinho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2009

Bela Cândida de Azevedo Pereira Gonçalves

**Regionalismo/Universalismo
em Bento da Cruz**

Tese de Mestrado em

Estudos literários, Culturais e Interartes

Apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Sob a orientação da Professora Doutora Maria de Fátima Marinho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2009

Resumo

O universal é o local sem paredes - apesar da recorrência sistemática deste aforismo da autoria de Miguel Torga, parece-nos servir os intentos deste trabalho já que também consideramos que o autêntico pode ser visto de todos os lados e em todos os lados é inegável, como a verdade.

Sendo nossa intenção realçar a universalidade em Bento da Cruz, deparamo-nos com a condição de não o regionalizarmos; por outro lado, quando pretendemos distingui-lo como o escritor genuíno do nordeste transmontano, somos obrigados a regionalizá-lo. E parece que a existência de uma impede a outra.

A questão que se põe é se os conceitos *universalismo* e *regionalismo* são critérios de qualidade ou de limite. Pretendemos, ao longo deste trabalho, mostrar como Bento da Cruz une o local e o universal. Para o consubstanciarmos, apoiar-nos-emos essencialmente em dois dos romances premiados: *O Planalto de Gostofrio* de 1982 (Prémio Círculo de Leitores) e *O Lobo Guerrilheiro* de 1991 (Prémio Literário Diário de Notícias). A partir deles, tentaremos demonstrar que o limite está, por um lado, nas fronteiras geográficas, voluntariamente localizadas, que encerram especificidades de linguagem, de usos e costumes, de consciência colectiva, de psicologia e interioridade das personagens retratadas (o que lhe confere um estatuto de literatura designada “regionalista”) e, por outro, é a partir deste limite que alcança “a sua ampla universalidade”, como diz Urbano Tavares Rodrigues.

Palavras-chave: Bento da Cruz, Regionalismo, Universalismo.

Abstract

The universal is the place with no walls – despite the systematic recurrence of this aphorism by Miguel Torga, it seems to serve the intent of this study, since we also consider that the real can be seen from all sides and is in all sides undeniable like the truth.

As it is our intention to emphasise the universality in Bento da Cruz, we face the condition not to regionalise him; on the other hand, whenever we wish to distinguish him as being the genuine writer of north-eastern Trás-os-Montes, we are forced to regionalise him. And it seems the existence of one precludes the other.

The question that arises is whether the concepts *universalism* and *regionalism* are quality or limits criteria. It is our intention, throughout this work, to show how Bento da Cruz binds the local and the universal. In order to consubstantiate it, we will essentially base on two award-winning novels: *O Planalto de Gostofrio*, 1982 (Círculo de Leitores Award) and *O Lobo Guerrilheiro*, 1991 (Diário de Notícias Literary Prize). From them, we will try to demonstrate that the limit is, on one hand, in geographical boundaries, voluntarily placed, containing specifications of language, of customs and traditions, of collective consciousness, of psychology and innerness of the portrayed characters (which confers a status of literature known as “regional”); on the other hand, it is from this limit that it reaches “its broad universality”, says Urbano Tavares Rodrigues.

Índice

Resumo	4
Abstract	5
Índice	6
Palavras Iniciais	7
Introdução	9
Universal e regional – critérios de valor ou limite psicogeográfico?	16
O ponto de vista regional – o valor da diferença?	23
A perspectiva <i>regional / universal</i> em Bento da Cruz	32
As personagens: retábulo da essência humana, da sabedoria dos mais humildes e do cinismo do poder	52
A linguagem: o húmus vocabular – uma necessidade	72
Considerações finais	94
Bibliografia	97

Palavras Iniciais

Apesar de a minha origem remontar às terras de Baião e não às de Barroso (sub-região de Trás-os-Montes), já há muito que sou leitora e apreciadora da obra de Bento da Cruz. A primeira vez que contactei com o seu nome foi através da escola onde sou professora há longos anos – EB2,3/S de Montalegre – pois é ele o patrono.

Mais tarde tive curiosidade em saber quem era esta personalidade relevante na região que adoptei. Foi nessa altura que contactei com os seus romances. Nesse primeiro contacto, confesso que fiquei surpreendida e dessa altura passei a ser leitora assídua.

Não imaginava, porém, é que passados alguns anos viria a estudar a sua obra. Por isso, quando decidi fazer o mestrado em Literatura (a incentivo da minha colega e amiga Dr.^a Clotilde Magalhães, e a desejo meu) e escolhi um autor português, para à sua obra aplicar os conhecimentos adquiridos no ano curricular e ao longo da actividade de professora, logo me ocorreu Bento da Cruz.

E confesso que em boa hora o fiz, pois permitiu-me uma maior reflexão e consciencialização da sua obra e aumentou o interesse pelo seu trabalho.

Mas como não podia abordar a sua obra, que é vasta, pois o autor já conta com cinquenta anos de carreira literária, neste ano comemorada, decidi limitar o meu estudo a dois romances premiados: *Planalto de Gostofrio* por ser uma paixão antiga e *O Lobo Guerrilheiro* por sugestões amigas.

Apesar de uma dissertação ser individual, devido ao seu objectivo académico, há sempre contributos de natureza diversa que não podem deixar de ser mencionados, pelo que expresso aqui os meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Maria de Fátima Marinho (que já conhecia, não pessoalmente, mas pela sua obra de crítica literária), por ter aceitado orientar esta dissertação, pela disponibilidade, sugestões e

correções e, também, pela exigência crescente que me foi impondo ao longo das várias fases deste trabalho. Desse contacto, surgiu uma empatia que, oxalá, perdure no tempo.

Um agradecimento especial à Dr.^a Fátima Fernandes, colega e amiga de longa data, igualmente apreciadora da obra de Bento da Cruz, com quem tive oportunidade de dialogar, partilhando ideias, sugestões e ansiedades.

Ao Professor Doutor Manuel Ramos pela disponibilidade e pela utilidade das suas recomendações.

À minha família pelo apoio e incentivo incondicionais.

E por último, um pedido de desculpas ao Paulo, ao Guilherme e ao Rodrigo, pelo tempo e atenção que este trabalho lhes roubou.

Introdução

Manuel Marinheiro, pai de Bento da Cruz, tinha catorze anos quando lhe morreu o pai, deixando-lhe a pesada herança da responsabilidade de trabalhar e ajudar a criar sete irmãos. Com os seus irmãos crescidos, decidiu, aos trinta anos, constituir a sua própria família, casando com Maria Alves, da “Casa dos Morenos”. O seu enorme sentido de independência obrigou-o a começar de novo, já que não trouxera praticamente nada da casa de sua mãe. Com alguma ajuda do avô materno foi erguendo a casa onde criou os oito filhos, dos quais formou três: Bento da Cruz, médico, Joaquim da Cruz, professor e advogado, e António Cruz, advogado. É por isso que, para Bento da Cruz, o pai foi o maior exemplo do valor da vida, do trabalho, da honestidade e do esforço abnegado em favor dos outros, experiência intensa e marcante para toda a vida.

Aos quinze anos, Bento da Cruz entra para o Seminário, o Mosteiro Beneditino de Singeverga, onde estudou Humanidades. Desse tempo de noviço guardou uma firme e resistente formação, sustentada quer pela leitura das Escrituras, quer pelo contacto com os escritores da antiguidade clássica. Forma-se em Medicina em 1955, pela Universidade de Coimbra, tendo aberto, pouco tempo depois, consultório em Montalegre.

Regressa à terra já um homem, médico e poeta, que assume um compromisso com a verdade e correndo todos os riscos inerentes a esse empenhamento¹. É já na idade adulta que percebe a dimensão e a desdita de um povo encolhido, repleto de saberes antigos, mas firmemente condenado ao isolamento e ao sofrimento.

¹Cf. Cruz, Bento da, *Contos de Gostafrio e Lamalonga*, Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, ed. cit., pp. 5-7.

Depois de quinze anos do exercício da medicina na sua terra natal, fixa-se no Porto. Sempre que pode, percorre “os caminhos de Barroso. A profundidade dos horizontes, o silêncio dos vales, o misticismo dos píncaros, a limpidez das torrentes, a garrulice das águas, a música dos pássaros, o perfume das plantas, a leveza da aragem, o límpido cristal das albufeiras e, melhor do que tudo isso, o carácter aberto, simples, generoso, acolhedor do povo barrosão.”²

É deste entranhado apego à terra e às gentes, comparáveis a um paraíso, que os seus livros são inesquecíveis testemunhos.

Quando eu era um devorador de Bibliotecas, nem o *Paradise Lost* de Milton me escapou. E confesso que não fiquei muito entusiasmado (...). Nem admira. Era jovem de mais para me preocupar com a perda de qualquer paraíso, fosse a daquele donde os anjos rebeldes se precipitaram (...), fosse a daqueloutro donde Adão e Eva foram escoraçados para este vale de lágrimas. Mas hoje que estou velho, compreendo, final e dolorosamente, o mito dos paraísos perdidos. (...) Paraíso da minha infância. Tempo de maravilhas. Era das descobertas. Das coisas vistas pela primeira vez, das palavras ouvidas pela primeira vez.³

E noutro passo: “Que leveza de ar, amplidão de horizontes, suavidade de paisagens! Se é certo que o paraíso existe, deve ser parecido com este.”⁴

Bento da Cruz refere-se assim às terras de Barroso, como um paraíso. É na expressão deste conceito que assenta toda a sua vida e toda a obra e, para o entendermos, é fundamental que saibamos observar e interpretar a sua existência como homem, como médico e como escritor.

Em primeiro lugar, estão os pais, que surgem sempre aureolados de uma força e energia hercúleas; depois, a visão solidária com as gentes de Barroso, dos anos trinta e quarenta, procurando na compreensão dos outros alento para os amar melhor. Foi esta tentativa de compreender os outros e de defender a verdade, à qual se manteve sempre fiel, que alicerçou a sua obra.

² Cruz, Bento da, *Prolegómenos* – Crónicas de Barroso, Âncora Editora, 2.ª Edição, 2008, pp. 11-12.

³ Cruz, Bento da, *Prolegómenos*, ed. cit., p. 93.

⁴ Cruz, Bento da, *Prolegómenos*, ed. cit., p. 16.

É um escritor que, num contexto de vazio cultural de um país subdesenvolvido dos anos quarenta (principalmente pelo egoísmo de uns, a insensibilidade de outros e a fraqueza de muitos), dedicou parte da vida na demanda da identidade desta região e desta gente, transmitindo, essencialmente, hábitos, sentimentos e valores, perspectivando sempre a exemplaridade.

A sua obra é o resultado de um trabalho exaustivo que percorre os lugares das suas próprias vivências, ouvindo, anotando e aprofundando tudo. Ainda que se considere que a vida e a obra são universos autónomos, existe aproximação entre eles e isto é, sem dúvida, revelador em Bento da Cruz pois, ao tratar-se de arte, estamos perante “um produto da experiência, de um modo de ser e de estar no mundo que se torna partilhável através da obra”⁵ e, além disso, “os modos de ser sobrepõem-se na criação artística aos modos do fazer”⁶. Assim, ficção e história pessoal projectam-se mutuamente.

A sua escrita encontra fundamento na experiência directa dos campos, na vida vivida e partilhada, na força de carácter de todos quantos viveram nesse tempo e local onde o homem tinha como aspiração máxima “até aos trinta anos ser valente e depois dos trinta ser honrado”.⁷ Não há dúvida de que, mesmo perante as vicissitudes do deserto cultural dos anos trinta e quarenta, este escritor teve a capacidade de observar e exprimir, de forma exemplar, a dignidade de um povo, “criminosamente atrasado, ancorado em verdades simples, evidências, entreajudas, homens e mulheres maravilhosos que sempre souberam sublimar a incontornável submissão bíblica através de gestos inocentes e melodias breves que os fez criadores de mundos e de montanhas, e por isso talvez mais próximos das realidades divinas”⁸.

Urbano Tavares Rodrigues acentua, no prefácio de *Contos de Gostofrio e Lamalonga*, o esbatimento das fronteiras que separam o regional e o universal na obra de Bento da Cruz:

⁵ Baudelaire, Charles, *O Pintor da Vida Moderna*, Vega Passagens, 3.ª Edição, 2004, p. 78.

⁶ Baudelaire, Charles, *O Pintor da Vida Moderna*, ed. cit., p. 78.

⁷ Chaves, António Carneiro, “Bento da Cruz”, in: *Uniarte – Revista Da União dos Escritores e Artistas Transmontanos e Algodurienses*, Ano 2, N.º 18, Junho de 2003, pp. 3-5.

⁸ Chaves, António Carneiro, “Bento da Cruz”, in: *Uniarte – Revista Da União dos Escritores e Artistas Transmontanos e Algodurienses*, Ano 2, N.º 18, Junho de 2003, p. 5.

Eis como um livro tão voluntariamente localizado, fruto e expressão da experiência tão aderente de simpatia que permitiu a Bento da Cruz erguer a sua galeria de homens e bichos, e às vezes de homens-bichos, assim alcança a sua ampla universalidade⁹.

Sem dúvida que este “Planalto de Gostofrio” (Terras de Barroso, Trás-os-Montes) é esse local sem paredes, esse punhado de terra onde habita um povo “espelho do mundo todo”¹⁰.

Assim, na obra do autor que nos propomos estudar, o limite está, por um lado, nas fronteiras geográficas e, por outro, na psicologia/interioridade das pessoas que retrata. Sem dúvida que Bento da Cruz tem, na unidade da sua vasta obra, diversas faces e vertentes que ultrapassam a denominação restritiva de escritor regionalista. Embora trate o regional, entende-se na sua obra força e exemplaridade suficientes para nos remeter para o universal.

Bento da Cruz une o local e o universal na sua obra, servindo-se, sobretudo, de estratégias narrativas que destacam o ser humano, as suas dores, alegrias e anseios em harmonia com a natureza e num contexto histórico que é constantemente actualizado pelo leitor que o vê com fascínio, uma vez que toca a sensibilidade e as emoções do homem de qualquer tempo e lugar.

Detectamos, na produção literária deste autor, a enorme capacidade de pintar com todas as cores as facetas do homem barrosão. Às vezes, ele próprio se confunde com as personagens das suas narrativas, “a riqueza de tintas emocionais da participação”¹¹, como lhe chamou Urbano Tavares Rodrigues, ao compartilhar com elas os dramas, as alegrias, as emoções das suas histórias impregnadas de sentimento humano. Ainda que a matéria-prima pareça confinada a uma região do país, as situações, criadas por ele, rompem as barreiras temporais e geográficas, tornando-se comuns ao Homem.

Bento da Cruz partilha connosco a viva experiência, distribuída em páginas bem escritas e significativas e, apesar de o seu espaço ser limitado

⁹ Cruz, Bento da, *Contos de Gostofrio e Lamalonga*, Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, ed. cit., p. 7

¹⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, Editorial Notícias, ed. cit., p. 218.

¹¹ Cruz, Bento da, *Contos de Gostofrio*, Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, ed. cit., p. 8.

geograficamente, os costumes e a linguagem transmitem a sensibilidade dos seres humanos que a habitam, encontrando, no fundo, eco nas maneiras de ser de todo o mundo e em toda a parte. Inevitavelmente, dá-se a partilha de uma arte tradicional que nos toca de tal modo, que persiste, resiste e não nos deixa indiferentes. “Não serão as marcas regionais, modalizações da sensibilidade do Homem e da Língua, num todo linguístico cultural?”¹²

Mais do que narrar a saga de um punhado de aldeões isolados do resto do país e entregues à própria sorte, Bento da Cruz denuncia, com tintas fortes, a acção covarde dos que, na década de quarenta, semearam a desigualdade, a fome e o medo. Efectivamente, a obra deste escritor tem valor documental na medida em que traz para as suas narrativas acontecimentos históricos, misturando verdade e ficção, principalmente na denúncia dos dramas, da miséria e da coragem de algumas das personagens, apontando, em particular, as causas dos excluídos. Nesse universo ficcional destaca-se um herói colectivo – o povo – “desses que (...) representavam a comédia da vida”¹³, voluntariamente localizado, é certo, mas a viver e a sentir os sentimentos que não têm fronteiras.

O ambiente geral dos seus romances é constituído pelos fragmentos de uma existência transmontana, pautada por diferentes lutas: a sobrevivência, a coesão social e até as variações políticas. No Barroso, há a percepção do peso dessas variantes políticas, pois do mesmo modo que “muda o Governo, mudam as câmaras. Na de Montalegre, saiu a comandita dos Camelos, clerical e monárquica, entrou a seita do Bitro, laicizante e democrática”¹⁴, bem como da consciência da ditadura de Salazar e de Franco, porquanto os homens sentiam a necessidade de “iludir a vigilância dos “bufos” da PIDE”¹⁵ e de “ser solidários com “nuestros hermanos”, perseguidos pela barbárie fascista”¹⁶, mesmo sabendo os riscos que corriam, pois sempre foram homens “amantes da

¹² Cabral, Filomena, *Ruralidade e Memória*, (Texto de apresentação da obra de Bento da Cruz, durante o ciclo de palestras organizado pelo Professor Arnaldo Saraiva, na Fundação Eugénio de Andrade, em Julho de 1999), p. 4.

¹³ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, Editorial Notícias, s/d, p. 197.

¹⁴ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 24. (“Camelos” e “Bitros” são as alcunhas dos dois grupos que representavam a política autárquica)

¹⁵ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 189.

¹⁶ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p.189.

liberdade, e da democracia”¹⁷. Os transmigrantes aprenderam a não ver “a Guerra Civil Espanhola como uma desgraça em casa do vizinho”¹⁸, mas “seguir a par e passo as vicissitudes da guerra civil e [chorá-las] como perdas próprias”¹⁹. Bento da Cruz lembra e liberta (em termos artísticos de claro valor) o impasse, consequência das desigualdades sociais, através de um enorme sentido humano. É desta forma, com determinação e coragem, que a sua obra entra no quadro literário do país.

Bento da Cruz também demonstra ter plena consciência da funcionalidade da língua e do domínio da componente lexical, procurando enquadrá-la e modelá-la naquele mundo, de forma coesa e lógica. As manifestações singulares da literatura oral, tanto de provérbios como de crenças, foram utilizadas e contextualizadas de forma natural e engenhosa. Acentua-se, sempre, o propósito de tornar presente a linguagem de uma região rica e exuberante a este nível. Assim, este uso, para além de nos remeter para o dia-a-dia do povo de Barroso e caracterizar simultaneamente o seu *modus vivendi* e o mundo ancestral de transmissão de um saber colectivo, permite-nos, também, detectar a alma das personagens, a íntima e profunda relação entre linguagem e psicologia. É esta preocupação do autor que nos permite perceber como as linguagens popular e, sobretudo, regional, constituem elementos expressivos e estruturantes da obra em estudo. Nos seus romances, a adopção de princípios estéticos e de uma estratégia comunicativa relevantes imprime-lhes singularidade e valor estilístico.

Parece ser, então, intenção de Bento da Cruz registar a linguagem vernácula, original, popular para reconstituir, integralmente, a vivência das gentes de Barroso, em particular do aldeão que habita as faldas do Larouco.

Considerando que é a partir do local que se ascende ao universal, percebemos que Bento da Cruz possui aquela sabedoria, natural aos grandes criadores, que lhe permite, onde quer que se encontre, apreender o real²⁰ e, a partir dele, construir as suas narrativas,

¹⁷ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., P.189.

¹⁸ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 193.

¹⁹ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p.189.

²⁰ Reis, Carlos, *O Conhecimento da Literatura Introdução aos Estudos Literários*, 2.ª Edição, Almedina, 2001, p. 372. (Na análise da ficção de Bento da Cruz, tentaremos levá-la a cabo nos termos de um equilíbrio entre dois extremos: “por um lado, o extremo imanentista que recusa quaisquer conexões entre o mundo possível da narrativa literária e o mundo real; por outro lado, o extremo que adopta uma

O seu discurso ultrapassa, portanto, a especificidade local e, na sua abrangência, integra a tradução de um código ético, o testemunho histórico, a revelação psicológica. No fundo, integra a essência folclórica, a utilização literária da fala dialectal, confrontando sempre o homem e a natureza, difundindo uma qualidade simbólica ao mundo ficcionado. Assim, encontramos um desses raros momentos em que o “regionalismo português” se desprende e afasta do simples documentário.

atitude imediatista, lendo a narrativa literária como reflexo especular do real, projecção não modalizada de eventos e figuras empiricamente existentes”).

Universal e regional – critérios de valor ou limite psicogeográfico?

As opções terminológicas de “universal” e de “regional” são frequentemente alvo de controvérsia.

A noção de universalidade, em si mesma, mereceria uma longa e dedicada reflexão, tendo em conta as inúmeras implicações do emprego da palavra "universal", os seus componentes morfológicos, a sua polissemia e as suas apropriações antropológicas e históricas. O emprego dessa palavra pede explicitação do ponto de vista da sua enunciação: a que universo nos referimos? O sujeito da enunciação projecta o universo a partir de si mesmo, modela os seus limites a partir dos seus interesses específicos?

Ao falar de literatura, utilizando a noção de "universal", não podemos negar o reconhecimento, cada vez mais evidente, da diversidade cultural do mundo. Então, reflectir sobre o carácter universal de uma obra literária significa abrir fronteiras, ir ao encontro do outro; implica entender diferentes sistemas literários, sem nos perdermos ou anularmos; reencontrarmo-nos com a tradição e as vanguardas; perceber o presente sem desprezarmos o passado seja esse espacialmente localizado em Trás-os-Montes ou em qualquer outra parte do mundo.

Kaiser, citando Goethe, entende que a *literatura universal* é “mediadora (...) entre as literaturas nacionais. Ela abrange tudo aquilo pelo qual os povos, através de caminhos literários, se conhecem, entendem, julgam, estimam e aprendem a tolerar mutuamente (...) um intercâmbio de mercadorias espirituais.”²¹

Em 1941, Miguel Torga, no seu *Diário I*, confronta Camilo Castelo Branco e Gil Vicente, dois génios das nossas letras, com os escritores

²¹ Kaiser, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, Tradução de Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, s/d, p. 64.

estrangeiros, dizendo que aos primeiros nada os lança para fora das fronteiras portuguesas e que os segundos, embora nunca desmintam as origens, se impõem em todas as latitudes, porque exprimem valores que pertencem ao património comum da humanidade. Considera os escritores estrangeiros cidadãos do mundo, e os dois escritores nacionais portadores de uma singular fatalidade, sobretudo consequência das características temperamentais da raça: “não têm, por variadas razões, a nitidez de contornos de que se podem orgulhar homens de outros meridianos”²².

Igual opinião têm José Bacelar e Gaspar Simões, ainda que divergentes em pequenos pontos nas suas obras de crítica literária.

Permitimo-nos discordar de Torga, de José Bacelar e de Gaspar Simões quando defendem que o povo português não tem grandeza suficiente para interessar ao resto do mundo e que “*Os Lusíadas* não conseguem quebrar a sua condenação de epopeia para uso interno”²³. Não lhe podemos negar este uso interno ou interesse nacional, mas a própria acção não é, só por si, de interesse universal? - Vasco da Gama e a descoberta do caminho marítimo para a Índia – a heroicidade, a coragem, a perseverança, a audácia, a força, o entusiasmo não são também qualidades que todos admiram e a que aspiram, independentemente da raça e do continente a que pertençam?

Eduardo Lourenço defende, por outras palavras, que em toda a nossa anterior literatura, mesmo a de influência humanista, (nomeadamente *Os Lusíadas*) “a determinação literária procede de um horizonte intelectual, abstracto ou humanisticamente “universal”²⁴.

No entanto, não podemos deixar de referir que, actualmente, o mundo parece ser formado por uma multidão solitária e alheada, obcecada particularmente com a superficialidade, não deixando espaço para a prática da solidariedade e da fraternidade, onde o outro é visto, frequentemente, como ameaça e não como promessa.

²² Torga, Miguel, *Diário I*, 6.ª Edição, s/d, p. 187.

²³ Torga, Miguel, *Diário I*, ed. cit., p. 189.

²⁴ Lourenço, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, Colecção Autores da Língua Portuguesa, 2.ª Edição, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1982, p. 87.

Torga, a propósito desta desvalorização e gradual perda de identidades regionais, defendia que “com o [seu] aval, nenhum globalismo ideológico passará por cima do nosso singularismo ideológico”²⁵.

Sem dúvida que os críticos, que só conhecem o ponto de vista urbano, consideram que a cidade é o epicentro de tudo e que o resto do mundo se compõe de “regiões” pouco nítidas.

A ideia que parece ter-se generalizado é de que a universalidade pertence ao urbano e o regionalismo ao rural, chegando mesmo a desprezar-se completamente o regional. Apesar de concordarmos com Bigotte Chorão quando diz que “cosmopolitismo não é sinónimo de universalidade”²⁶ e que esta só é possível atingir a partir do húmus natal, “com a solidez e fundura das raízes”²⁷, consideramos que o escritor não deve isolar-se, onde não lhe chegue o “ruído do mundo”.²⁸ Exige-se-lhe, portanto, consciência social e nacional, para que a obra não fique sujeita ao perigo de um “egotismo estéril e a um mundialismo utópico”²⁹.

Assim, o princípio que está subjacente à designada literatura universal não é o mesmo que preside ao da literatura dita “regional”? É ou não verdade que quem escreve fala de dentro para fora, ou vice-versa, regionalistas ou não? Somos, ou não, todos, assumidamente, regionalistas, objectivamente procurando encontrar a nossa própria identidade para não nos perdermos no mundo?

Entendemos que a identidade, mesmo sendo diferença, não implica necessariamente oposição e, por isso, nada tem de anti-universal.

É na fidelidade às origens e ao humano que a literatura descobre a sua essência, preparando-se para o futuro, que tende a homogeneizar-se e a desumanizar-se, onde tudo o que é singular e pessoal se dilui e se uniformiza.

Quanto ao conceito de regionalismo que aqui defendemos, não se ajusta bem às definições propostas pelos dicionários – ligadas à mística da vida, traduzindo uma atitude exclusivamente sentimental, de entusiasmo em face da

²⁵ Torga, Miguel, *Diário XIII*, ed. cit., p. 24.

²⁶ Chorão, João Bigotte, *O Escritor e a Cidade*, Colecção Presenças, n.º 37, Editorial Verbo, s/d, p. 17.

²⁷ Chorão, João Bigotte, *O Escritor e a Cidade*, ed. cit., p. 23.

²⁸ Chorão, João Bigotte, *O Escritor e a Cidade*, ed. cit. p. 17.

²⁹ Chorão, João Bigotte, *O Escritor e a Cidade*, ed. cit., p. 17.

região, da sua identidade e da exaltação das virtudes como apoteose do indivíduo.

O termo “regional”, geralmente, carrega o preconceito de uma literatura com pouco valor, cujos escritores se preocupam apenas em retratar situações e personagens típicas, limitando a própria imaginação e criando personagens e situações indistintas, medianas, meras cópias desbotadas do já-visto e já-sabido.

A definição de regionalismo não gera consensos, por vezes até está envolta em discrepâncias. Para uns, regional é aquilo que apresenta, em primeiro lugar, os valores culturais de determinada região. Para outros o destaque é dado ao espaço exterior (fauna, flora, clima e relevo), sem ultrapassar aquilo a que chamamos “meio rural”.

Logo, são dois os aspectos que normalmente caracterizam o regionalismo: o tipo humano escolhido e o meio espacial, ou seja, tudo aquilo que é específico de determinado espaço geográfico, como a cor local, isto é, o tipo humano, a linguagem, os costumes, o aspecto ideológico, a supremacia do meio sobre o indivíduo, consequência do espaço onde ele se cria. É a partir deste pressuposto que falamos de literatura *regional*.

Muitas vezes, a literatura denominada regional é também confundida com a popular. Aguiar e Silva, remetendo para Arnold Hauser, considera que a designação de “literatura popular” está frequente e pejorativamente associada àquela que “está destinada a ser consumida por estratos culturalmente inferiores de uma comunidade (...) destituída de valores semânticos e formais que enriquecem e ilustram a “grande literatura”³⁰. Outros há que não lhe atribuem este sentido negativo, nem a nível estético, nem ideológico. Por isso, a designação deste tipo de literatura, em “cuja amplitude semântica cabem significados e valores de heterogénea e contraditória natureza, torna-se equívoco”³¹.

A este respeito, Miguel Torga dizia que “o nosso tempo literário tem este senão: antes da possível universalidade duma obra é necessário o

³⁰ Arnold Hauser, cit. in: Silva, Vitor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 7.ª Edição, Livraria Almedina, 1986, p. 118.

³¹ Silva, Vitor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, ed. cit., p. 116.

cosmopolitismo do seu autor. O mundo quer conhecer primeiro a árvore e depois provar-lhe os frutos.”³²

Porque se usa “regional” como antónimo de “universal”?

O facto de o autor situar as suas intrigas numa região específica do país, detalhando-lhe os traços marcantes, pintando o espaço que caracteriza com cores peculiares e doces sonoridades, povoando-a de aldeões, impregnando-a de perfumes, será suficiente para as inserir na literatura regionalista? Não nos parece, pois, sob o ponto de vista ideológico, este tipo de literatura, tal como a popular, apresenta-se como um fenómeno heterogéneo e variável.

Para nós, mais do que tentar classificar, de forma inflexível, um autor ou uma obra literária de *regionalista*, parece-nos importante detectar-lhe ou não uma tendência regionalista.

Porque se confunde “regionalismo” com uma das suas vertentes? A uma literatura que se esforça, por exemplo, em registar aspectos históricos e geográficos da região abordada, os modos de sobrevivência característicos (principalmente agrícolas), os usos e os costumes, o linguajar, as crenças, enfim, a cultura, poderíamos designá-la de *ficção etnográfica*.

De outra perspectiva, entendemos, também, que o regional não se opõe ao universal, é apenas uma parte do todo e ajuda a compô-lo. A partir do momento que isto se torna claro, é preciso tentar definir que parte é essa, qual a sua dimensão, o que a caracteriza e perceber se é possível delimitar o regional. Não se apresenta tarefa fácil esta delimitação uma vez que um texto é universal, para além de ser regional, num todo, não em função de um ponto único ou devido a uma característica específica. Um romance pode ter traços regionais, mas expandir-se para o universal através da apresentação de conflitos internos que ultrapassam os limites do geográfico, da tradução de sentimentos que cabem na alma de uma qualquer personagem, situada num qualquer espaço e tempo.

Mais importante do que distinguir os tipos de regionalismo ou a universalidade de uma obra é, como em qualquer tendência, distinguir as más obras das boas, esteticamente. Nas primeiras, o efeito sobre o leitor será limitado, tal como os espaços, os dramas, a linguagem, as ideias. Nas

³² Torga, Miguel, *Diário V*, 6.ª Edição, s/d, p. 111.

segundas, por mais exígua que seja a região, por mais tradicional ou provinciana que seja a vida das suas personagens, haverá certamente grandeza, o espaço estender-se-á ao mundo e o tempo tornar-se-á eterno.

Só uma questão parece fazer sentido - "Por que é boa uma obra literária?" Investindo na ideia de universalidade, poderemos, então, falar em profundidade, densidade e reflexividade. A contribuição de uma obra para a civilização depende, nesse sentido, da profundidade com que penetra no interior da condição humana e revela os seus fundamentos essenciais.

Considerando que para ser regional é preciso que se verifiquem marcas distintivas e que para ser universal é preciso que se estabeleçam dados comuns, a finalidade é perceber que distinção e inclusão são complementares em matéria de literatura. Os conceitos de absoluta universalidade e de absoluta singularidade não existem e é inegável que, em toda a cultura particular, há um esforço constante no sentido de a universalizar.

Quem possui a capacidade de criar, integrado em qualquer movimento literário, raramente se desliga das fronteiras geográficas. As suas criações surgem repletas de cores locais, emolduradas, por exemplo, pelas típicas paisagens de Entre-Douro e Minho e Trás-os-Montes. Vem-nos à memória António Nobre, também ele ligado a uma região do país, "uma pátria privilegiada (...) por um exercício de memória, recuperante do perdido, até às aldeias aninhadas, entre os pinhais, como um campanário que tutela o quotidiano, tudo cingido pelos campos verdes, onde se trabalha, no sereno granjear do pão-nosso de cada dia"³³. Confinados a um espaço limitado, os seus poemas trazem o espírito do lugar ("Ora isto, senhores, deu-se em Trás-os-Montes, / em terras de Borba, com torres e pontes"³⁴) e da existência humana:

(...) Ó minha
Terra encantada, cheia de sol,
Ó campanários, ó Luas Cheias,
Lavadeira que lavas o lençol,
Ermidas, sinos das aldeias,
Ó ceifeira que segas cantando,

³³ Nobre, António, *Só*, Prefácio de Mário Cláudio, Publicações D. Quixote, 1.ª Edição, 2000, p. 13.

³⁴ Nobre, António, *Só*, ["Memória"], ed. cit., p. 35

Ó moleiro das estradas,
carros de bois, chiando ...
flores dos campos, (...)
Ó choupos, ó luar, ó regas de Verão!³⁵

Para António Cândido, “a grandeza de uma literatura ou de uma obra depende da sua relativa intemporalidade ou universalidade”³⁶, ainda que algumas obras possam afirmar a sua universalidade sempre que surja a possibilidade de comunicação. O que interessa, de facto, quando falamos em literatura, é a combinação da análise estrutural com a função social, uma vez que as que estão mais ligadas às manifestações comuns que pessoais, nunca deixam de exprimir aspectos que possuem uma razão de ser mais evidente³⁷, ao contrário do que pode ocorrer nas literaturas designadas eruditas e entendidas como manifestações individuais.

³⁵ Nobre, António, *Só*, [“Lusitânia no Bairro Moderno”], ed. cit., p. 55.

³⁶ Cândido, António, *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*, 6.ª Edição, São Paulo: Editora Nacional, 1980, p. 45

³⁷ Cf. Cândido, António, *Literatura e Sociedade*, ed. cit., pp. 46-47.

O ponto de vista regional – o valor da diferença?

Quando falamos em ponto de vista regional e nos deparamos com algumas das avaliações feitas por diferentes estudiosos, lembramo-nos da frase de Tolstoi: “Há quem passe pelo bosque e só veja a lenha para a fogueira”, mas “há sempre quem queira ver para além das ruínas”³⁸. Alberto Caeiro exprime-se do mesmo modo:

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no [meio] do outeiro.
Na cidade as grandes casas [prendem] a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de
[todo o céu³⁹.

A influência da crítica remete, a maior parte das vezes, o regionalismo para um plano menos privilegiado, onde este tópico é normalmente consubstanciado na afirmação individual de um *eu* oposto aos *outros*, colocado entre um tempo presente e um tempo passado, céptico relativamente às transformações históricas e políticas que revolucionam a sociedade nos seus costumes e na sua moral.

Segundo Evelina Verdelho, a valorização e a defesa da região nos diferentes planos iniciou-se já no século XIX, em países como a França, a Inglaterra e a Irlanda. Em Portugal, o ideário desses movimentos foi conhecido,

³⁸ Cruz, Bento da, documento avulso fornecido pelo autor (entrevista, s/d.).

³⁹ Caeiro, Alberto, *Poesias*, Edição de Fernando Cabral Martins, Richard Zenith, Assírio & Alvim, 2.ª Edição, 2004.

principalmente, no início do século XX e através de obras de teorizadores franceses. Quanto à sua promoção e divulgação entre nós deveu-se, sobretudo, ao Integralismo Lusitano. Os precursores deste movimento afirmavam, especialmente em relação à literatura, que a sua revivificação passava pelo contacto com a “Terra”, a “Raça” e a “Tradição”⁴⁰, valores que estariam preservados de influência nociva apenas na província. Exigia-se, portanto, que os artistas perfilhassem o regionalismo, divulgando as gentes, as paisagens e as tradições⁴¹. Em Portugal, ao contrário de outros países, o regionalismo foi entendido com a convicção de intensificar os sentimentos patrióticos e o amor à Mãe-Pátria. Constatou-se que, nas primeiras obras, o regionalismo não passou, praticamente, do plano teórico, o que não aconteceu com a obra de Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, que é “considerada a primeira obra regionalista portuguesa”⁴².

A contradizer a enorme facilidade com que, em geral, se rotulam autores e obras de regionalistas, encontramos quem afirme que não existe literatura regional em Portugal. Não podemos deixar de salientar a pouca nitidez que os particularismos sociais e idiomáticos de Portugal possuem em relação a outros países como, por exemplo, o Brasil que integra um elevado grau de diferenciação regional. Parece-nos que o que interessa, acima de tudo, é perceber até que ponto uma determinada região é marcante e está presente nas criações literárias.

A questão da existência e da caracterização da literatura regionalista não é tarefa fácil. Vários críticos e ensaístas, ao tentarem fazê-lo, nomeadamente Gaspar Simões, Óscar Lopes e António José Saraiva, apresentaram critérios e opiniões díspares, o que se compreende pela diversidade dos seus gostos, sensibilidades, tendências estéticas e pessoais, o que nos leva a concordar com Gaspar Simões quando afirma que “o único

⁴⁰ Verdelho, Evelina, *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de linguística da Universidade de Lisboa, 1992, p. 212.

⁴¹ Verdelho, Evelina, *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, ed. cit., p. 212.

⁴² Verdelho, Evelina, *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, ed. cit. p. 215.

crítico infalível é o tempo”⁴³. A maior parte das vezes, os valores são influência social no comportamento do público e manifestam-se através do gosto, moda, voga, exprimindo sempre as expectativas sociais. Então, o que julgamos, muitas vezes, ser uma reacção espontânea da nossa sensibilidade é antes “conformidade automática de padrões”⁴⁴. Por muito que nos custe admitir, poucos têm a capacidade de “manifestar um juízo livre de injunções directas do meio em que vivemos”⁴⁵. Assim, a maior parte das vezes, julgamos ser nós mesmos, mas somos “público, pertencemos a uma massa cujas reacções obedecem a condicionantes do momento e do meio”⁴⁶.

Intelectuais dos anos trinta e quarenta envolvem-se numa polémica sobre a questão do regionalismo e da representação edénica do espaço rural. Com efeito, esta questão suscita, no momento da afirmação do Neo-Realismo, uma crítica acérrima e uma tentativa de desmistificar a ficcionalização do espaço rural na teoria e na prática literárias:

Mas eles pintam, meramente, bonitos horizontes – com árvores românticas, casario branco (...) – excluindo, por vezes, o homem da paisagem (...). E se colocam o elemento humano nos seus quadros – são cavadores erguendo a enxada, de tez bronzeada, mãos possantes, ombros hercúleos; são moças alegres, garridas, entre o verde dos trigais (...). Vós escreveis com tanta doçura estas coisas do campo, pintais estas paisagens com tanta cor bonita – mas reparai que lhe falta verdade, reparai que os homens nesta paisagem contemplada, como em muitas outras, não são os homens que julgais: eles sofrem as chuvas, os ventos, os frios, eles sofrem os calores violentos e as sedes – enquanto as árvores vos dão sombra e as fontes água (...).⁴⁷

É neste sentido que, por exemplo, Gaspar Simões diz a respeito de Aquilino Ribeiro que ele não é um romancista, no verdadeiro sentido da palavra, pois apenas vê os sentimentos na medida em que eles dão forma, cor

⁴³ Simões, João Gaspar, *Crítica I – A Prosa e o Romance Contemporâneos*, Imprensa Casa da Moeda, 2.ª Edição, 1999, p. 313.

⁴⁴ Cândido, António, *Literatura e Sociedade*, ed. cit., p. 36.

⁴⁵ Cândido, António, *Literatura e Sociedade*, ed. cit., p. 36

⁴⁶ Cândido, António, *Literatura e Sociedade*, ed. cit., p. 36

⁴⁷ Silva, Garcez da, cit. in Carlos Reis, *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português*, Lisboa, Seara Nova, 1981, pp. 59-60.

e volume às coisas, apontando-lhe uma flagrante inverosimilhança e artificialismo⁴⁸. Já Óscar Lopes sustenta que o motivo de um certo fora-de-moda de Aquilino é o enorme condicionamento do leitor a uma “sensibilidade tristonha, intimista, cultivadora de um qualquer senso de carência, ausência, negação, dialéctica idealista, solidão psicomática e saudade”⁴⁹. Considera, porém, que Aquilino possui uma excepcional originalidade em relação ao nosso tradicional temperamento literário, pois

“não oculta nunca o claro-escuro da história humana social, toda feita de exploração e hipocrisia, nem o claro-escuro que a decrepitude, a doença, a morte, o tédio, a violência institucionalizada inevitavelmente trazem ao amor mais logrado”⁵⁰.

António José Saraiva, apesar de considerar o léxico deste escritor rico, as suas personagens inteiriças, representantes do mundo serrano do interior, não lhe reconhece o interesse pela vida sentimental e a capacidade de fazer dialogar as personagens (estas agem apenas segundo a lógica directa do instinto)⁵¹.

Não seria legítimo apontar defeitos a Aquilino para valorizar Bento da Cruz, mas talvez a explicação deste fenómeno passe por entendermos que a obra não é um produto fixo, inequívoco perante um público, e este, por sua vez, é activo, heterogéneo, registando de forma variada o seu efeito. A literatura perdura se as obras actuarem umas nas outras e nos leitores e estes tiverem a capacidade e a vontade de as viver, de as interpretar, de as adoptar e de as transformar. Provavelmente a explicação está apenas no facto de os conceitos de regionalismo e de universalismo terem, actualmente, dimensões diferentes das do passado e das do futuro.

Enquanto orientação literária, pode considerar-se o regionalismo um fenómeno universal, em que os espaços, as temáticas e os tipos se relacionam com uma determinada região rural, em oposição aos costumes, valores e gostos dos cidadãos.

⁴⁸ Cf. Simões, Gaspar, *Crítica I – A Prosa e o Romance Contemporâneos*, ed. cit., p. 320.

⁴⁹ Lopes, Óscar, *Cifras do Tempo*, Editorial Caminho, Lisboa, 1990, p. 203.

⁵⁰ Lopes, Óscar, *Cifras do Tempo*, ed. cit., p. 209.

⁵¹ Cf. Saraiva, António José, *História da Literatura Portuguesa*, Livraria Bertrand, 1979, pp. 205-206.

Ferreira de Castro explica, de forma exemplar, que é no ponto de vista regional que reside a diferença:

Nem eu sei quando nasceu no meu espírito este amor pelos povos minúsculos, pelas repúblicas em miniatura, por todos os que vivem isolados no planeta. As pequenas ilhas, sobretudo, fascinam-me, porque permitem observar melhor o homem entregue a si próprio, fechado sobre si mesmo e, simultaneamente, disperso no infinito (...) inconsciente até do labor psíquico por ele realizado perante o eterno limite.⁵²

Na cultura, o sujeito é singular, mas depende do outro (da alteridade) para apreender, na diferença, a sua identidade. Sou quem sou porque não sou igual a este que, por sua vez, não é igual àquele. No entanto, há algo em comum, caso contrário não poderia comunicar com ele.

Actualmente, estamos perante uma espécie de tirania da uniformização, da universalização o que dificulta o entendimento da existência humana numa perspectiva regional. Nesse sentido, a noção de região tende a desvanecer-se, a perder as suas raízes, a enfraquecer as fronteiras e as suas características especiais, fundadas na experiência humana. Mas, o regional, enquanto mediação entre o singular e o comum, permite que se conservem e subsistam traços dessa experiência nas características locais da linguagem e, de um modo mais ou menos explícito, nas manifestações literárias.

Sob o ponto de vista da teoria da experiência, os conceitos de regionalismo e literatura regionalista restringem a expressão literária. Ao contrário, o conceito de cultura regional oferece outras perspectivas para entender as formas linguísticas e literárias. A cultura regional pode ser entendida como um conjunto de manifestações linguísticas e artísticas que têm a função de mediar as experiências singulares dos indivíduos e dos grupos ou das comunidades e as expressões universais da humanidade. Essa mediação é efectuada quando se descrevem experiências, circunstâncias, costumes, tradições, valores, mostrando sempre uma forte ligação ao lugar, à região.

O romance regionalista vive da pressão entre o idílio romântico e a representação realista, destacando o homem pobre do campo, elevando-lhe a

⁵² Castro, Ferreira de, *Terra Fria*, Guimarães Editores, 1990, [1934] p. 13

voz de maneira a mexer com os poderes instalados e a contestar verdades absolutas.⁵³ Esta literatura associa-se, normalmente, a obras que expressam regiões rurais e integram nelas as respectivas acções e personagens, procurando transmitir-nos as suas particularidades culturais. Há, ainda, quem associe o regionalismo literário à tradição greco-latina do idílio e da pastoral, daí o facto de Óscar Lopes considerar o romance *Planalto de Gostofrio* a melhor consumação portuguesa actual de uma tradição de recuperação da natureza rural, apresentando como referência o romance *Dáfnis e Clóe*, atribuído a Longo, de cerca de II a.C.⁵⁴

Face às forças da desagregação da individualidade e da nacionalidade, a tendência é de preservar a natureza e a simplicidade herdada da cultura clássica. Grandes nomes como Ovídio e Horácio retrataram o viver ideal através da agricultura e da pastorícia; Sá de Miranda fixou-se Entre-Douro e Minho e passou a considerar-se um “aldeão”, “um guarda cabras” (opondo-se ao viver fútil da corte); Alexandre Herculano, Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Garrett, entre outros, também procuraram, através da natureza, recuperar sentidos e valores novos, que estavam em vias de se perder.⁵⁵

É este perigo iminente que Bento da Cruz tenta refrear, através das suas narrativas. Segundo as suas próprias palavras, não se considera contra o progresso, mas lamenta que se perca irremediavelmente o nosso património cultural, ainda florescente há uns cinquenta anos.⁵⁶ Assim, exalta este mundo rural, que retrata exemplarmente, e cujo epicentro espacial são as Terras de Barroso, como uma forma de recuperar a utopia da simplicidade popular, humilde e crente, recuperada através da literatura⁵⁷.

Na literatura contemporânea, o factor geográfico e a defesa da identidade estão sistematicamente presentes na escrita de autores portugueses. É o caso do Alentejo em Fialho, em Cardoso Pires e em Urbano Tavares Rodrigues; da Beira em Aquilino; do Ribatejo em Soeiro Pereira Gomes e em Alves Redol; de Trás-os-Montes em Torga e em Bento da Cruz (o que não é suficiente para serem designados de escritores *regionalistas*).

⁵³ Cf. Chiappini, Lígia, *Do Beco ao Belo*, ed. cit., p. 16

⁵⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 1.

⁵⁵ Cf. Cabral, Filomena, *Ruralidade e Memória*, p. 3

⁵⁶ Cf. Cruz, Bento, *Histórias da Vermelhinha*, Editorial Notícias, s/d, p. 6.

⁵⁷ Cf. Cabral, Filomena, *“Ruralidade e Memória”*, p. 2

O regionalismo literário representa o homem em correlação com o seu ambiente imediato, sendo de grande importância factores submetidos à variação geográfica como a língua, a paisagem, o património cultural (costumes, história) e as condições socio-económicas. Se partirmos deste pressuposto, a inscrição dos textos numa região concreta desempenha um papel importante para a sua justa compreensão e avaliação. Supõe-se que à escrita regionalista subjaz o desejo de levar à expressão literária tudo quanto conforma a idiossincrasia de uma zona geograficamente definível. A literatura regionalista, de forma intencional ou não, representa particularidades locais, realidades sociais e históricas.

Para Chiappini, o grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear, que sabe o nome exacto das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas, mas a região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país. O mundo narrado não se localiza necessariamente numa determinada região geograficamente reconhecível, supondo muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia ficcional⁵⁸, como neste texto de Bento da Cruz:

Do alto, olhei a bacia do meu Regabão: um silêncio de rumores de águas, pássaros, bichos; um cintilar de sóis nas cachoeiras e nas folhas; um frémito de vida clandestina: lobos, raposas, javalis, texugos, gatos-bravos, fuinhas, lebres, coelhos, musaranhos, lontras, bonitas, uma poalha de mistério (...) os bois do Cabral a meio do prado. E o pastor? Meti as vacas ao lameiro e desmontei.⁵⁹

Para alguns, a grande tendência da literatura regionalista é apresentar a tensão entre idílio e realismo, entre nação e região, oralidade e escrita, meio rural e meio urbano, entre visão nostálgica do passado e denúncia das misérias do presente.

Ao debruçarmo-nos, um pouco mais, sobre o estudo da literatura regionalista, apercebemo-nos do seu cunho moderno e universal, respondendo à tão actual e falada globalização. É por isso que a questão regional é a

⁵⁸ Cf. Chiappini, *Do Beco ao Belo: dez teses sobre regionalismo na literatura*, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.º 15, 1995, p. 9.

⁵⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 196.

apologia das diferenças e particularidades locais que reaparecem em pleno, principalmente como resistência aos males da homogeneidade cultural, à destruição da natureza e às gigantescas dificuldades de vida e de trabalho no chamado “paraíso neo-liberal”.

É claro que o regionalismo literário implica especificidade e não podemos esquecer que é essa especificidade, a partir do espaço histórico-geográfico, vivido e arreigado pela consciência das personagens, que nos permite conferir-lhe a universalidade de que falamos.

Ao longo dos tempos, a literatura regional afirmou-se de forma quase marginal à considerada “a grande Literatura”, confundindo-se, grande parte das vezes, com o folclore e a etnografia. É por essa razão que o regionalismo foi considerado conservador, preconceituoso e equívoco; e porque, sempre que aparece um bom escritor no género, a crítica, de forma um pouco parcial, o demarca de todos os outros, usando expressões eufemísticas como: “super-regionalismo”, “sense of place”, regionalismo cósmico”, esta última utilizada por Harry Levim quando se referia a James Joyce⁶⁰.

Com a modernização e todo o progresso que lhe está inerente, certo tipo de regionalismo tem sido visto como ultrapassado e reaccionário, tanto ao nível da estética, como da ideologia. Provavelmente, quem lhe tece essas críticas ignora estar perante uma realidade actual e, ao mesmo tempo, universal.

Partindo do princípio de que a literatura não é um sistema fechado nem homogéneo, entendemos que sujeitá-la à tirania da definição, é limitar e simplificar o que se nos depara altamente complexo. Ela é, em última instância, o conjunto de obras esteticamente avaliadas e representativas de um povo, quer seja denominada de erudita ou popular, pois entendemos que o fundamental é obedecer a “normas” de qualidade e a códigos de língua e estética. Ao falarmos de normas de qualidade, estamos novamente dentro do que consideramos subjectivo, mas é imprescindível que o texto, por um lado, tenha a capacidade de produzir um efeito de prazer intelectual e, por outro, a necessidade de se enquadrar naquilo que nós, leitores, considerarmos literariedade.

⁶⁰ Cf. Chiappini, Lígia, *Do Beco ao Belo*, ed. cit., p. 12.

No entanto, e ainda nos meandros da subjectividade, julgamos que quando um texto nos transmite algum ensinamento sobre o ser humano e nos permite apreender melhor o mundo em que vivemos, tem qualidade literária. A avaliação da matéria e forma da obra literária dependerão, em parte, da tensão entre as “veleidades profundas”⁶¹ e a harmonia com o meio e o diálogo entre o criador e o leitor. A literatura é, então,

um sistema vivo de obras agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público, nem este é passivo, homogéneo, registando uniformemente o seu efeito.⁶²

⁶¹ Cândido, António, *Literatura e Sociedade*, ed. cit., p. 74.

⁶² Cândido, António, *Literatura e Sociedade*, ed. cit., p. 74.

A perspectiva regional / universal em Bento da Cruz

Actualmente, são inúmeras as formas que o romance assume, principalmente devido ao confronto com os novos modos de produção cultural, com o novo horizonte técnico, com a multiplicidade de situações que a vida contemporânea propõe, nestes tempos de violência social, cepticismo político e fascínio pela tecnologia. E, apesar de tantas transformações no campo histórico-social, que constitui a matéria viva da qual se mune qualquer tipo de narrativa, persiste ainda um conceito de romance que António Cândido definiu de forma bastante clara:

O fundamento da forma de romance é a realidade elaborada por um processo mental que guarda intacta a sua verosimilhança externa, fecundando-a interiormente com um fermento de fantasia que a situa além do quotidiano, em concorrência com a vida. Os seus melhores momentos são aqueles em que ele permanece fiel à vocação de elaborar conscientemente uma realidade humana, extraída da observação directa, construindo assim um sistema imaginário e durável.⁶³

Tais considerações parecem bastante sugestivas para tecer alguns comentários acerca dos dois romances de Bento da Cruz – *Planalto de Gostofrio* e *O Lobo Guerrilheiro* – no momento em que o ritmo de produção que se impõe (acelerada e genérica) não vai ao encontro do critério fundamental da narrativa romanesca – a fidelidade a uma experiência⁶⁴ individual, sempre

⁶³ Cândido, António, *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos*, 2.ª vol. 6.ª Edição, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1981, p. 121.

⁶⁴ Lefebvre, Maurice-Jean, *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*, Livraria Almedina, Coimbra, 1980, pp. 181- 189. (A reconstituição literária de uma experiência vivida – mesmo realmente vivida – levanta um problema que foi justamente o de Proust: não se pode pretender “traduzir”, é

única, nova, original, mas nem passageira nem momentânea, sobretudo pelo grau de atenção necessário à sua particularização. Então, talvez não seja por acaso que presenciamos nos dois romances em questão (contrariando, de certa forma, a tendência geral de uma ficção mais ligeira, centrada na acção) a importância do elemento tempo na sustentação da narrativa. Aquele tempo, cujo fluir permite ao indivíduo não perder o contacto com a sua identidade, através da lembrança de factos, actos e pensamentos passados, seus e de outrem. É o curso da memória, criando uma cadeia de causas e efeitos, elaborando a realidade por meio de um processo mental, “fecundando-a com o fermento da fantasia” e, deste modo, reconstituindo a essência do indivíduo que narra.

Há no sótão das minhas recordações lembradas coisas que eu nem sei como ali vieram parar: se por as ter visto, se por mas haverem contado. Uma delas é a morte virgem e mártir da madrinha Joaquina. Outra, a história de ternura com que ela abonava a minha ladinice (...) Estou a ver da eira, uma sombra tomar vulto na linha do horizonte, vir vindo, crescendo na figura de um cavaleiro. Pergunto a mim mesmo se será o macho do Padre Elias, pelo tamanho parece, pela cor não. Foi num arripio de bote de víbora que o Marcelino da Volta, montado num cavalo pigarço, avançou para mim numa rópia triunfal de rei David, sem o menor cumprimento de olhos ou boas horas⁶⁵.

Assim, também, os dois romances em análise executam um mergulho vertical nos meandros da memória, sondando as inclusões do passado e tentando refazer o que, aparentemente, parece desfeito, através da entidade de um narrador autodiegético, em *Planalto de Gostofrio*, que tendo atravessado experiências e aventuras várias, relata, a partir de uma posição amadurecida, o devir da sua existência; heterodiegético, em *O Lobo Guerrilheiro*, que relata uma história a que é estranho porque a não integra nem integrou como personagem, numa atitude demiúrgica em relação à história, cuja personagem central é André Lobo.

preciso “metamorfosar” verdadeiramente a vida para que ela se torne arte, para que a existência, na expressão de Gorges Poulet, tenda a encontrar a sua essência).

⁶⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 30-31.

O romance tornou-se “o terreno turvo duma bizarra batalha, quase sempre confusa e, não raro, francamente difícil de seguir”⁶⁶. Este género atingiu no século XIX e, sobretudo no XX, ainda que frequentemente de morte anunciada, a curto prazo, a dignidade de género literário, provavelmente, com maior valor, mais poder e maior capacidade de expressão.

Este género foi, sistematicamente, acusado, quanto à estrutura, de imperfeito, difuso, errático, difícil de definir e de estudar. Não foi por esta razão que espíritos “lúcidos e inquietos como Flaubert e Henry James”⁶⁷ se deixaram de preocupar com problemas de “intrusão autoral” na narrativa, “de ponto de vista”, de “omnisciência” do narrador e de verosimilhança.

No que diz respeito ao romance português, Gaspar Simões é um dos mais veementes defensores da tese da inviabilidade de este atingir a universalidade. Este crítico considera que é ingrata a tentativa de “mascarar com verniz europeu” qualquer romance português, mesmo tratando-se de Camões, de Pessoa e de Eça, pois continuam “irremediavelmente à margem da cultura europeia”⁶⁸. Entende, ainda, que a maior parte dos nossos romancistas, que têm tentado o romance “não rústico ou não regional”⁶⁹ português, perdem “o contacto com a realidade, a evasão das condições do próprio meio em que se desenrolam”⁷⁰. Estas afirmações, associadas à ideia de que a literatura portuguesa é uma literatura menor, de um pequeno e isolado país, não vão ao encontro do que aqui defendemos.

A contrariar esta teoria está a de Bigotte Chorão quando afirma que “escritores firmemente situados não deixam de ser escritores universais se o homem que em seus livros ri e chora é o homem que (...) carrega aos ombros a humana condição.”⁷¹

⁶⁶ Lisboa, Eugénio, *Colóquio de Letras* [A Presença e a Ficção], n.º 38, Julho de 1977, p. 14.

⁶⁷ Lisboa, Eugénio, *Colóquio de Letras* [A Presença e a Ficção], n.º 38, Julho de 1977, pp. 14-15.

⁶⁸ Simões, Gaspar, *Crítica III – Romancistas Contemporâneos (1942/1961)*, 25.

⁶⁹ Simões, Gaspar, *Crítica III – Romancistas Contemporâneos*, ed. cit., p. 31

⁷⁰ Simões, Gaspar, *Crítica III Romancistas Contemporâneos*, ed. cit. p. 31.

⁷¹ Chorão, João Bigotte, *O Escritor na Cidade*, ed. cit., p. 23.

Parece-nos, portanto, pertinente adoptar como certa a afirmação de Bourneuf e Réal Ouellet: “O Romancista, como o pintor ou o fotógrafo, escolhe em primeiro lugar uma porção de espaço”⁷².

Quando se fala em literatura regional, a função do adjectivo “regional” parece ser, apenas, a de nos ajudar a situar ou a classificar uma determinada obra literária. É tudo literatura afecta a Portugal, a uma cultura ou a uma comunidade organizada com um sentimento identitário, em que os seus membros dividem experiências e recursos, talvez há várias gerações. A literatura designada alentejana, açoriana, transmontana, beirã, ... não é mais do que literatura integrante de um universo nacional – a Literatura Portuguesa. Os romances que aqui abordamos são um olhar para a região do Barroso, pois concordamos com Delesalle, quando diz:

A visão do mundo de um pensador, de um poeta ou romancista, será o modo peculiar como a perspectiva do universo (mundo concreto, pessoas, coisas) se organiza para ele, - a coloração sentimental que essa perspectiva de seres e valores nele toma.⁷³

Vitorino Nemésio, citando o crítico Jacques Delesalle, defende que o romancista mostra “fictivamente na encarnação dos personagens, o que os filósofos revelam conceptualmente sobre a natureza humana.”⁷⁴

A única classificação que entendemos poder fazer a respeito da literatura dita universal e regional é: na primeira, tratam-se ou abordam-se os problemas universais do homem (os sentimentos, as paixões, os valores do Bem e do Mal, enfim, a alma universal); na segunda, além de apresentar uma perspectiva a partir de um determinado espaço, possuidor de características específicas (costumes, registos de língua, *modus vivendi...*), revela a sua base universal a partir da trama e da problemática apresentada pelas personagens. Partimos do princípio de que a obra de arte ao sair do espaço regional se universaliza, se o leitor assim o entender, pois a principal razão para uma obra

⁷² Bourneuf, Roland e Ouellet, Réal, *O Universo do Discurso*, Livraria Almedina, Coimbra, 1976, p. 143.

⁷³ Delesalle, Jacques, cit. in: Nemésio, Vitorino, *Romance, Existência e Visão do Mundo*, in: *O Romance Contemporâneo, Sociedade Portuguesa de Escritores*, 1964, p. 15

⁷⁴ Nemésio, Vitorino, *Romance, Existência e Visão do Mundo*, in: *O Romance Contemporâneo, Sociedade Portuguesa de Escritores*, 1964, p. 17.

se universalizar parece ser apresentar elementos que promovam a sua disseminação.

A respeito desta escolha, Bento da Cruz, pedindo desculpa pelo pleonasma, diz que não é “ficcionista de ficção científica” e, por isso, entende que todas as personagens dos seus romances devem ter “os pés bem assentes na terra, sejam figuras que se possam enquadrar ali, na maneira como aqueles barroões vivem, naquelas serras. Se metesse lá um figurino parisiense ou londrino, naturalmente ficaria deslocado.”⁷⁵

Quanto a nós, consideramos que o escritor fora do seu núcleo cultural pode até conservar a habilidade, mas extingue-se-lhe a chama interior.

Não podemos nem queremos negar à escrita de Bento da Cruz este ponto de vista regional, que absorve a seiva das terras de Barroso. É desse lugar que tudo provém e que a sua literatura se transfigura. Como já atrás referimos, vivemos hoje uma postura de globalização, de uniformização do discurso ideológico, a que as artes, em geral, e as letras, em particular, não estão imunes.

Será que não podemos ver a escrita de Bento da Cruz como uma insubmissão a essa globalização? Partindo deste pressuposto, podemos considerar Gostofrio detentor de uma simbologia associada à “alteridade, à diferença, ao humano peculiar contra o falso universalismo”⁷⁶?

A humanidade desta gente, que pouco mais tem do que o que lhe permite sobreviver e ainda reparte e demonstra caridade com os que ainda têm menos é, sem dúvida, simbólica de uma rara lição de vida: “regressou com a cesta cheia de merendas de centeio e talhadas de carne, uns quilos de batatas na abada e ainda uns cobres para um copo de vinho ou um cigarro – porque os mendigos também são criaturas de Deus. Entregou tudo ao desconhecido...”⁷⁷.

Nem ao tempo, nem nos dias de hoje, nos parece frequente a generosidade e compaixão de “quando aparecia (...) um pobre impossibilitado de andar, por doença ou velhice, um dos vizinhos, à vez, ia de porta em porta

⁷⁵ *Diário de Notícias*, 21 de Fevereiro de 1993, ARTES, “Barroso em Novela”, pp. 38 e 39.

⁷⁶ Ferrin, Xosé Luís Mendez, *Presentación de Bento da Cruz*, (Texto lido na sessão de apresentação do livro *Histórias de Lana – Caprina*, em 27 de Março de 1999 na Casa Regional dos Transmontanos e Alto-Durienses do Porto.

⁷⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 303

tirar “a esmola para o aleijadinho”. Depois, transportava-o ao povoado mais próximo.”⁷⁸

Nos dois romances, Barroso é o espaço privilegiado (“André Lobo nasceu no coração de Barroso, aurícula de Gostofrio”⁷⁹; “Gostofrio tem crescido comigo. É hoje uma aldeia com ares de burgo”⁸⁰ e este espaço surge em perfeita harmonia com as personagens:

Gostofrio tem um anel de montanhas à volta. Nos dias de sol, as montanhas afastam-se e o mundo é grande. Nos de vento e chuva, as montanhas apertam o cerco, o mundo é pequeno e as pessoas sentem um constrangimento de angústia no coração. Por vezes o mundo ficava-me de repente pequeno⁸¹.

Mas agora sentia-se exausto. Sentou-se num dólmen à beira do caminho. Tinha pela frente a serra do Gerês (...) Nunca a vira assim de tão perto e ficou muito tempo a olhar para ela em atitude de oração. Depois passeou os olhos em redor, por largos horizontes de pastagens, onde centenas de vacas retouçavam, enterradas em erva até à barriga⁸².

Neste sentido, estamos perante a história do país, reflectida num pequeno mundo e a ele circunscrita, de onde as personagens são reveladas, transmitindo valores humanos específicos e, ao mesmo tempo, fazendo a passagem do local para o universal. Surge também como uma referência sócio-cultural e histórica, formada por estratos humanos que se cruzam, mas se distinguem.

Assim, os dois enredos têm como foco principal uma realidade humana, extraída da observação directa, a do povo Barrosão. O Nordeste Transmontano, como um todo, surge, assim, como um universo “outro”, visto sem idealizações, com a lucidez de quem é conhecedor da região: conhecedor do clima:

⁷⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 303.

⁷⁹ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 10.

⁸⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 5.

⁸¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 14.

⁸² Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 66.

Lobo ainda vivera esses dias terríveis. Dias secos e frios, em que o vento norte galopava desenfreado com a neve às cavaleiras⁸³;

dos rios:

a vezeira desceu rapidamente ao vale do meu Regabão menino. Para lá do rio, ficava o descampado de mato maninho sem limites nem vedações, sinecura de pastores. Passada a rês toda para a margem esquerda, sentei-me nas poldras, pés-calçados em sandálias de borracha clara embebidos na remurmurejante linfa⁸⁴;

da flora:

Precisamente ali perto, numa touça de carvalhos e bétulas, brotava, dentre seixos e agriões, uma fontela de caudal invariável durante todo o ano, quente no Inverno, fria no Verão, sempre agradável ao paladar e benéfica para o estômago. (...) Lobo não dispensava uma boa dose daquela água milagrosa, bebida de bruços, lábios na linfa corrente, como é próprio dos animais livres e saudáveis.⁸⁵;

dos cheiros:

Mau grado um odor espesso a bodum e lã ludra, a temperatura do redil, comparada com a de fora, era um céu aberto⁸⁶.

A confirmar este olhar estão as muitas passagens descritivas que assinalam uma espécie de nota de suspensão que ganha valor de símbolo. Estamos perante uma espécie de função “musical” que se desdobra numa função “pictural”, talvez mais imediatamente perceptível: a descrição leva-nos a ver⁸⁷ e apela aos sentidos, até de quem lhes desconhece a sugestão:

Um dia fui com as vacas do Pai e dos tios juntas para Vale da Ponte. Manhã de tanta doçura (...). Do alto, olhei a bacia do meu Regabão: um silêncio de rumores de água, pássaros, bichos, um cintilar de sóis nas cachoeiras e nas folhas; um frémito de vida clandestina: lobos, raposas, javalis, texugos, gatos-bravos,

⁸³ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 106.

⁸⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 313.

⁸⁵ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit. p. 272.

⁸⁶ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 134.

⁸⁷ Cf., Bourneuf, Roland e Ouellet, Réal, *O Universo do Romance*, Livraria Almedina, Coimbra, 1976, pp. 154-155

fuinhas, lebres, coelhos, musaranhos, lontras; uma poalha de mistério: moiras encantadas de vigia e estendais de preciosidades sobre lapinhas junto de fontes; os bois do Cabral a meio do prado. E o pastor? Meti as vacas ao lameiro e desmontei.⁸⁸

A descrição do espaço revela a atenção que o romancista concede ao mundo e a qualidade dessa atenção exprime a relação fundamental no romance, do homem, do autor ou personagem com o mundo ambiente.

Se partirmos do princípio de que o conceito de *regionalismo* na literatura passa pelo pressuposto de que não basta apenas o tema, mas também deve estar munido de elementos suficientemente sugestivos no que respeita ao tratamento literário e à linguagem, os romances de Bento da Cruz podem integrar-se neste conceito, uma vez que possuem tais elementos literários e linguísticos e o espaço e a realidade social e humana tratados transmitem uma vivência profunda da região.

A perspectiva de Bento da Cruz assume, de facto, uma dimensão regionalista, associada à vivência e representação da ruralidade. É neste ambiente, energeticamente caracterizado e que centra a sua atenção *no modus vivendi* dos habitantes e na paisagem da região, que o autor consegue, sem qualquer dificuldade, transformar a existência humana em experiência autêntica e verdadeira:

...naqueles amaldiçoados tempos económicos, arranjar uns simples tostões para o petróleo era obra. Por isso nos víamos obrigados a recorrer a tudo o que pudesse pingar uns cobres: vinho e tabaco ao improvisado balcão (...)⁸⁹.

A grande novidade do mundo rural, que Bento da Cruz retrata nos seus romances, reside, também, no facto de nos permitir presenciar os vários quadros sociais, necessários à criação literária. Por um lado, Montagreste (a vila mais próxima da aldeia de Gostofrio) é o símbolo da corrupção, onde o dia-a-dia é vivido de “espinha direita, mãos mimosas, bons arreios, pança regalada, falinhas de puta: fidalgaria...”⁹⁰, por outro, Gostofrio é onde a vida se

⁸⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 196.

⁸⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 339.

⁹⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 218.

assemelha à sobrevivência, “onde todos, até as crianças, até os muito velhinhos, batem no duro.”⁹¹

Deste modo, o espaço rural, físico e social, opõe na ficção de Bento da Cruz uma cadeia universal de exploradores/explorados, “colonos e indígenas”⁹². Aos primeiros, chama-lhes “aves de arribação”⁹³ que se “matavam à vista desarmada pelo arzinho superior e despiciente de colonizadores, de passarões caricatos na sofreguidão de encher o papo e baterem asas para o poleiro das grandes cidades”⁹⁴; aos segundos, “cobertos de andrajos e de chagas, no corpo e na alma; (...) rosto estigmatizado de trabalhos, vergonhas e misérias”, chama-lhes “gente anónima, que (...) não deixa rasto.”⁹⁵ Por isso, detectamos nesta oposição, recorrente na obra de Bento da Cruz, o profundamente humano.

Se considerarmos a literatura expressão da sociedade e a grandeza histórica ou social semelhante à grandeza artística, postulando-se uma harmonia entre o artista e o seu tempo⁹⁶, no imaginário colectivo, no caso concreto das obras em estudo, fica a visão da pobreza, da opressão, da prepotência, da angústia de um país escandalosamente atrasado e tolhido. É claro que a interpretação desta máxima requer alguns cuidados (nomeadamente, a consciência de conjunturas políticas, sociais e económicas).

Para conseguir resgatar essa cultura regional, urge olhar estas obras, valorizando as interacções entre sociedade e natureza e tendo em consideração que o espaço e a natureza são factores importantes para a formação da identidade e memória colectivas.

A obra de Bento da Cruz, é inegável, tem valor documental. Porém, a crítica confere à palavra *documento* objectivação e apenas o admite no discurso histórico, o que, quanto a nós, desencadeia alguns equívocos pois a ideia de documento não subentende, necessariamente, a objectividade. Ao contrário, a escolha de um documento histórico pode ser inteiramente subjectiva, inclusive a própria interpretação pode oferecer-nos inúmeras

⁹¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 218.

⁹² Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 197.

⁹³ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 197.

⁹⁴ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 197.

⁹⁵ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit. p. 197.

⁹⁶ Cf. Wellek, René/ Warren, Austin, *Teoria da Literatura*, 5ª Edição, Publicações Europa-América, S/d, p. 115.

leituras. Assim, se a obra histórica integra uma certa dose de subjectividade, por outro lado, a literária não se priva de certos parâmetros da realidade objectiva. É por essa razão que a obra literária também pode oferecer um retrato de época, recorrendo à história, não numa perspectiva de testemunha ocular ou repórter dos factos, mas como intérprete, recriando poeticamente a realidade.

A ficção de Bento da Cruz (tanto em *O Lobo Guerrilheiro* como em *Planalto de Gostofrio*) incorpora certas propriedades históricas reconhecíveis (a Ditadura Salazarista, a Guerra Civil Espanhola...) que são utilizadas como factor de verosimilhança. A História surge como matéria inspiradora para a ficção, reinvenção da realidade.

Estes romances podem ser vistos como exemplo dessa fusão – real/imaginário. Por exemplo, o primeiro trata das incidências da guerra civil de Espanha na vizinha Galiza e dos ecos do terror fascista no lado de cá da fronteira; o segundo

da violência ou do dolo que obedecem ainda à lei de Talião, ou da vendeta, apenas condicionada pelo suborno burocrático que está à disposição daqueles que mais podem, ou pelo arbítrio do cacique concelhio, agora nos anos de 1930, ainda mais arbitrário, porque fascista⁹⁷.

Por isso é que o narrador, afirmando que este povo é o espelho do mundo todo, não precisa de sair daqui (deste limite geográfico) para exaltar o valor dos mais desfavorecidos e explorados pelo poder. A perspectiva de ambos os narradores é de uma enorme solidariedade para com a miséria e a distância que separa o homem da aldeia (Gostofrio) do homem da vila (Montagreste) e, ao verificar na rudeza, na espontaneidade uma grandeza inabalável, consegue despertar no leitor o mesmo sentimento.

Nos dois romances, detectamos sistemáticas intrusões do narrador, fenómeno recorrente neste tipo de narrativa. A este respeito, Walter Benjamin defende que a marca do narrador se imprime na narrativa como “a mão do oleiro na argila do vaso”⁹⁸ e que as melhores são as “que menos se distinguem

⁹⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., Prefácio de Óscar Lopes, p. IV.

⁹⁸ Benjamin, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política*, Editora Brasiliense, 4.ª Edição, s/d, p. 205.

das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anónimos⁹⁹, ou seja, recorrendo, sistematicamente, à experiência.

O narrador onisciente de *Planalto de Gostofrio*, marcado por fortes características subjectivas, transmite-nos uma perspectiva crítica e irónica da sociedade que o rodeia:

Os fidalgos da vila, gente de privilégios e altas categorias, reis e senhores das nossas vidas (...) escoras do trono e do altar, vosselências. Dos que medravam no comércio, sobressaíam (...) Seguem, ao sol da minha lembrança os guardas: fiscais, republicanos, rios e fios; os funcionários da República, gado de vária espécie e nariz; a arraia-miúda, formigueiro de vespas; os mendigos, olhos escorraçados; população flutuante e ali o cotio afluente. (...) Mesmo assim, diferente de Gostofrio.¹⁰⁰

O narrador de *O Lobo Guerreiro*, heterodiegético, também partilha da mesma perspectiva:

Caso do Arcipreste a caminho da matriz, bela figura de clérigo, auréola de bons costumes, colar roupeta, pança e tudo. Caso do presidente a caminho da Câmara, barão baronete, coco altaneiro, passo mesurado, nariz de muita soberbia. Menos volume faziam os comerciantes, os bacharéis, os manga-de-alpaca. Outros, ninguém dava por eles: aldeões, mendigos, artífices, sopeiras, crianças.¹⁰¹

Nas alusões aparentemente ingénuas ou anódinas, transparece a posição pessoal do narrador:

Das grades, como de um camarote, os presos podiam gozar um espectáculo ininterrupto, colorido e gratuito. Como em todos os espectáculos, também no da Rua Direita entravam actores de nomeada e figurantes desconhecidos. (...) Quanto aos actores principais, podiam ainda subdividir-se em duas categorias distintas: colonos e indígenas.¹⁰²

⁹⁹ Benjamin, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política*, ed. cit., p. 198.

¹⁰⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 218.

¹⁰¹ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerreiro*, ed. cit., p. 6.

¹⁰² Cruz, Bento da, *O Lobo Guerreiro*, ed. cit., p. 197.

Não podemos dissociar estas intrusões do narrador da representação ideológica pretendida e concretizada na narrativa. A análise destas ocorrências permite-nos inferir posições doutrinárias precisas e imputáveis ao narrador ou às personagens, tendo em conta também o facto de a época histórica ser propícia a uma crítica de cariz ideológico-social.¹⁰³ Vejamos, a este respeito, mais um exemplo:

Também ele, [Benjamim] após dois meses de reclusão, se sentia entristecer e murchar. Desinteressara-se da vilória serrana, esquecida no tempo e no espaço, e da devassa aos pobres dos habitantes, misteriosamente ligados por uma cobardia e imoralidade colectivas de convivência com o descarado impudor...¹⁰⁴

A intrusão do narrador também se detecta nas opiniões que põe na boca das personagens que constrói. É o caso do Professor de Tourém, homem culto e com uma visão político-social muito crítica, que dialoga frequentemente com André Lobo (que já fazia parte da “clientela”¹⁰⁵) pois, até aí, ele

nunca supusera o mundo da política assim reles (...) e começara a compreender a arte que os fascistas tinham de substituir o respeito e a obediência voluntária aos superiores pelo terror a um monstro onnipotente de milhares de cabeças, que a todos trazia de olho, pronto a deitar a fateixa ensanguentada ao primeiro que a desviasse, um milímetro que fosse, do trilho previamente traçado ao rebanho...¹⁰⁶,

exercendo um enorme ascendente sobre ele e orientando-o nas atitudes que deve tomar:

- Temos de ser indulgentes e solidários com eles, Lobo! Principalmente com os “fuxidos” à repressão franquista. O que a martirizada Galiza tem sofrido... Todos os dias há “ «conselhos de guerra», «julgamentos sumários», «fuzilados» (...) Um horror! Uma hecatombe! Um «dies irae»! nem tenho palavras. Recorro às

¹⁰³ Cf. Reis, Carlos, *Dicionário de Narratologia*, Almedina, 1987, pp. 198- 202.

¹⁰⁴ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 212.

¹⁰⁵ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit. p. 27.

¹⁰⁶ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit. p. 91.

de Virgílio, na Eneida: «Sunt lacrimae rerum». Só tenho lágrimas!
(...) Franco...Essa quarta besta do Apocalipse...

- E como se chamam as outras três?

- Mussolini, Hitler e Salazar¹⁰⁷.

Deste ponto de vista, parece-nos transbordar uma cosmovisão verdadeiramente universal que o escritor não explica, mas que deixa transparecer, principalmente nas atitudes das personagens e nas incursões dos respectivos narradores: o ideal supremo da valorização da dignidade humana, a natureza como sistema ordenado e harmónico, dotado de sentido último e completo, o desejo ávido de liberdade e justiça, a beleza entendida como manifestação da verdade¹⁰⁸... É uma espécie de reflexão e de inquietação que são provocadas num leitor mais acomodado e desprevenido.

Bento da Cruz é indubitavelmente um romancista da região de Barroso e preocupa-se com a exaltação de um espaço restrito e de uma presença insuperável e arraigada do “eu”. Ficcionalista, com forte raiz autobiográfica, conhecedor profundo de usos e costumes, de homens, de animais e de espaços, é esta a razão, com certeza, que leva Óscar Lopes, sem hesitar, a considerar *Planalto de Gostofrio* como um dos melhores romances portugueses da infância.

Constatamos que, cada vez mais, os indivíduos da sociedade contemporânea, discordantes entre a divisão e a globalização, necessitam de encontrar as suas origens e de as reabilitar de forma renovadora e inventiva. É o reconstruir do tradicional, numa época de esbatimento de fronteiras culturais, consequência de transformações sociais, políticas, económicas e tecnológicas.

Sente-se a necessidade do regresso a si mesmo como aspiração à eterna auto-afirmação, de alcançar a vontade de que “retorne tudo o que já aconteceu, de querer, no futuro, tudo o que acontecerá”¹⁰⁹. É imprescindível amarmos a vida e a nós próprios, para lá de todos os limites, a fim de não podermos desejar outra coisa senão esta eterna e suprema confirmação. É o

¹⁰⁷ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerreiro*, ed. cit., pp. 165 e 166.

¹⁰⁸ Cf. Ferrin, Xosé Luís Mendez, *Presentacion de Bento da Cruz*, p. 5. (Xosé Luis Mendez Ferrin é poeta, ensaísta e colunista, seleccionado, por diversas vezes, como candidato ao Prémio Nobel da Literatura).

¹⁰⁹ Abbagnano, Nicola, *História da Filosofia*, vol. XI, ed. cit. pp.77.

amor que liberta o homem da servidão do passado e, por ele, *o que foi transforma-se no que ele queria que fosse*:

com que nitidez de presente eu vejo, dia-a-dia, pedra a pedra, a casa nova a erguer-se, aérea e pura, dos alicerces do velho palheiro. O a ferros nascimento do nosso lar de lenta gestação. O carro de treze carros, quantos os vizinhos, em comboio de ida e volta e poeira entre o Crasto e a aldeia, estrídulo chiribari de vozes, gargalhadas, chiadeira de eixos, retintinir de guizos, rebalalá de turbamulta em festança de comes e bebes à tripa-forra...¹¹⁰

Em *Planalto de Gostofrio*, a distância temporal entre o “eu” que narra e o “eu” que viveu, detecta-se quando o discurso do narrador é feito do presente da escrita para o passado da sua juventude. É a voz do narrador que mediatiza o acesso que nós temos ao íntimo da personagem:

Dele [Barroso, irmão de D. Clorinda e pai da Tucha] me não ficou traço de rosto nem som de voz. Mas a Mota do Barroso corre ainda, com asas de andorinha e coração de águia, pelas estradas do meu tempo de pastor pastorinho. (...) fosse carro ligeiro ou pesado, avião solitário ou esquadrilha militar, chamava por mim com tão sedutor apelo. Que loucura! Se longe da estrada, corria aos saltos; se perto, à valeta, para ver o bólido que me tratava por tututututu vives prisioneiro entre montanhas. Montes detrás os montes. Por entre eles, a carreteira, fabulosa serpente. (...) Por ela se iam os carros. Atrás deles a fantasia.¹¹¹

Os acontecimentos vão surgindo, pela voz do narrador, sempre com o recurso à memória, como se se tratasse de um exercício:

Por mais que pense não descubro no sótão das minhas recordações a primeira imagem do Pai. Longe, muito longe, ouço-lhe a voz de tenor numa cantiga de embalar. Comigo ao colo? Com a Lena? Com o Lilo? Do Lilo para cá tudo me é presente. Antes é que a fita apresenta mais cortes do que sequências.¹¹²

¹¹⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 125.

¹¹¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 198-199.

¹¹² Cruz, Bento da, *Planalto do Gostofrio*, ed. cit., p. 106.

Por vezes, “as demais peripécias da aventurosa jornada” são descritas com “um colorido, hoje, infelizmente, desbotado”, mas, apesar disso, “[vai] pintando”¹¹³.

É um narrador adulto que refaz o trajecto do seu tempo de menino, quer físico, quer psicológico, até ao “hoje”, presente da escrita:

Hoje, que sou homem de mitos e alienações, podia ainda falar de ondina, ou sereia, ou ninfa do meu Regabão. Ao tempo, via apenas a realidade. Todas as coisas me eram transparentes e claras. Clara era a água, o sol, o céu, o silêncio. Claro o corpo de Carolina.¹¹⁴

Saliente-se que esse retorno não é perturbador, nem doloroso, nem tão pouco um acerto de contas com a infância e a adolescência acorrentada e oprimida – é, antes, um convívio reconciliado e saudável como louvor ao tempo da descoberta do amor harmonizado com o “discurso da terra entregue aos seus eternos afazeres de auto-regeneração”¹¹⁵, pois o eterno retorno é o sim que o mundo diz a si mesmo, é a auto-aceitação, é a representação universal daquele espírito instintivo que celebra e abençoa a vida.¹¹⁶

É nesta exaltação da vida que se dá a superação do homem:

Era eu pequenitades (ai, a ternura de imaginar-me fedelho prodígio...) (...) Entrei em Cantelarranas derreadinho de todo, já com o sol muito baixo. (...) Pobrete, mas alegrete. (...) Obsequiou-me vinho com açúcar, trigo de quatro cantos, uma febra de palmo de alto, uma coroa em moedas de tostão.¹¹⁷

Ao analisarmos a obra de Bento da Cruz, parece-nos estar perante homens cuja vontade é dominar o infinito poder da vida, procurando conquistar os valores que constituem as características de super-homem: a boa saúde e a força física, a destreza de espírito e a paixão pela vida, a riqueza e a energia interiores, a compreensão e amizade pelos iguais. Não é fácil concretizar tão

¹¹³ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 202.

¹¹⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, p. 317.

¹¹⁵ Cf. Conrado, Júlio, “ [Recensão Crítica a “*Planalto de Gostofrio*” de Bento da Cruz]” / Revista Colóquio/Letras, nº 140/141, 1996, pp.299 – 300.

¹¹⁶ Cf. Abbagnano, Nicola, *História da Filosofia*, Vol. XI, Editorial. Presença, 3.ª Edição, 1984, pp.76-77.

¹¹⁷ Cruz, Bento, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 137 – 139.

excepcional e ambicioso objectivo, tanto mais que é imprescindível a humildade e a compreensão dos demais e nós sabemos que nem sempre isso acontece.

A sua ficção filia-se, sem subserviência, no neo-realismo de origem rural, valorizando elementos linguísticos e outros que fazem parte de uma etnografia riquíssima, sem cair, no entanto, nas tentações do folclórico. Salienta-se na sua obra a recorrência a temas de pulsões instintivas e de sensualidade feminina.

Estes romances cultivam simultaneamente a identidade cultural de um povo e a abertura para o diálogo corajoso com o mundo e com os outros. É espaço privilegiado para ler os *desconcertos do mundo* e fazer com que nos desprendamos da monotonia da massificação e da pretensa homogeneização.

Assim, apesar de a cor local, regional ou nacional caracterizar a geografia dos acontecimentos e das personagens, não os consideramos critérios estéticos ou genéricos porque a história, os conflitos, os sentimentos, os pensamentos expõem o humano.

Há sempre uma dimensão universal no aparentemente regional. Assim, como já referido, as Terras de Barroso (sub-região de Trás-os-Montes) de Bento da Cruz não se restringem a esses limites geográficos.

Apesar de o Barroso ser o cenário para as suas realizações ficcionais, os temas retratados são comuns ao homem de todo o Portugal dos anos trinta e quarenta. A sua principal preocupação é dar ao homem importância no seu meio social.

Bento da Cruz, ao apresentar o drama humano, apesar de penetrar no imaginário regional, não se prende a exotismos locais (que só aumentam a segregação), mas tem a intenção de fazer reflectir e de inserir o leitor no universo vivencial das personagens. Esta interacção conduz à autenticidade e às experiências que pretende promover e, também, à universalização.

Se, por um lado, Bento da Cruz se enquadra no conceito de *escritor regionalista*, já que localiza a intriga dos seus romances numa região concreta, descrevendo, numa linguagem vernácula, crenças, costumes e tradições:

É de saber que, pelos usos e costumes de Gostofrio, o lucro ou perda de prestígio de cada um depende do estrear ou não roupinha nova pela Páscoa. Por isso, e à falta de recursos para louçanias de tenda, a Mãe levou o Inverno daquele ano a fazer um

par de meias de lã de ovelha para cada um dos oito filhos. (...) Vesti-os com prazer e vaidade, arregacei as calças, corro para a rua, e que vejo eu? (...) O Pincães, o figadal, de chapéu braguês, camisa de popelina, (...) Quem ia agora reparar nos meus carpins vermelhos? (...) E afastei-me tristonho, despeitado, invejoso: embora eu tivesse aprendido com a tia Lúcia catequista (olha e mais quem...) que «a inveja das mercês que Deus faz a outrem é um dos pecados que bradam ao céu...»¹¹⁸

por outro, os seus romances, ao extrapolarem a visão humana para uma dimensão mais abstracta, descrevendo os valores, sentimentos, sofrimentos e alegrias do género humano, elevam-se ao universal:

Lobo apertou-a muito ao peito, num gesto de defesa e fria sensação de impotência. Porque os braços da mãe afroixavam o amplexo aflitivo e o corpo resvalava para o travesseiro. Lobo apertou-a de novo, preso de indescritível angústia de resvalarem ambos num abismo de escuridão. A moribunda ainda abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas a voz não chegou (...). André sentiu-se comprimido, depois dilatado para além do arco das próprias costelas, e explodiu num “Ó minha santa mãe!”, em que não reconheceu a voz dele, nem a do trovão, nem a das ondas do mar, nem a de nenhum elemento conhecido.¹¹⁹

Em *Planalto de Gostofrio* e em *O Lobo Guerrilheiro* não encontramos a falsidade de uma qualquer visão romântica sobre o homem do campo. Na visão deste espaço e desta gente não há embuste, uma vez que se reproduzem também as angústias, o cansaço físico, a dor e os medos. Apesar de estarmos perante um universo regional, cujas personagens são simples, rudes e naturalmente transmontanas, detectamos-lhes a forma peculiar e extremamente subtil como reflectem os grandes dramas metafísicos e existenciais da humanidade.

Na obra de Bento da Cruz, por mais limitados que nos pareçam os espaços que trata, por mais rural e provinciana que seja a vida dos seus

¹¹⁸ Cruz, Bento da, *O Planalto de Gostofrio*, ed. cit. pp.280-281.

¹¹⁹ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 109.

habitantes, reconhece-se-lhes grandeza e o espaço prolonga-se no mundo e no tempo.

Estamos na presença de um escritor que expressa um espaço rural para além da geografia, mas não é tarefa fácil elevar a voz desta gente, marcada pela diferença, até ao homem urbano, muitas vezes preconceituoso e parcial nos seus juízos, insistindo em não perceber o outro como um todo e um igual. Assim, todo o universo da escrita de Bento da Cruz se eleva do local ao universal - “Um povo, espelho do mundo todo.”¹²⁰

É claro que lhe detectamos um forte compromisso entre a referência geográfica e a geografia ficcional (associada a símbolos, a um universo histórico - social e a uma região geográfica real), portanto, simultaneamente, vivida e subjectiva.

Conseguimos perceber que as singularidades/especificidades regionais superam a sua própria existência, não precisando, para isso, de perder a sua dimensão simbólica. É aqui que o local derruba as barreiras que lhe construíram ao longo dos tempos. O local está lá, é a referência necessária para servir aos seus intentos, mas não tem paredes, nem limites – é universal.

Partilhamos com Mendéz Ferrin a ideia de que não podemos alicerçar a obra de Bento da Cruz a uma qualquer “casta de regionalismo redivivo”, mas à marcação de caminhos inovadores de modernidade e ao exemplo de um novo humanismo, contra a falácia da globalização.¹²¹

Segundo Vasco Pereira da Costa, a geografia não é necessariamente obstáculo ao universalismo, basta que as obras estejam “impregnadas de uma imperecível humanidade.”¹²²

As suas narrativas, apesar de voluntariamente localizadas,¹²³ são fruto e expressão da experiência o que também lhe permitiu erguer a sua galeria de homens e bichos, alcançando a sua ampla universalidade.¹²⁴

A escrita de Bento da Cruz, serve a sua província, dando, na verdade, voz e rosto a tristes e anónimas existências e, deste modo, honra a literatura

¹²⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 218.

¹²¹ Cf., Ferrin, Méndez, *Presentación de Bento da Cruz*, p. 5.

¹²² Cf. Cabral, Filomena, Palestra “*Ruralidade e Memória*”, p. 4.

¹²³ A zona do Barroso situa-se na província de Trás-os-Montes. É ali que se encontra Gostofrio, o lugar imaginário, mas muito real para as gentes portuguesas que, como Bento da Cruz, conheceram a aldeia do passado, onde o importante é o elementar.

¹²⁴ Cruz, Bento da, *Contos de Gostofrio e Lamalonga*, prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, p. 7.

que, do local, se insere, com verdades, direitos e tristezas, na universalidade.¹²⁵ A simplicidade, a generosidade, a solidariedade, a coragem, a honra, o altruísmo, a perseverança que, sendo particularidades do universo que o escritor retrata e de que os seus livros são um testemunho indelével, não deixam de ser valores de dimensão universal.

Este tipo de narrativas, muitas vezes desprezadas e incompreendidas pelas pessoas que não são da região, vão tomando forma, construindo uma abordagem literária muito própria, distante às sujeições de um cânone universal.

O espaço tratado por ele é o palco e o cenário onde as personagens, na pele de barrotes, encenam as grandes questões humanas. Aliás, a arte só sobrevive equilibrando a integração e a diferenciação. A primeira é o conjunto de factores que acentuam, no indivíduo ou no grupo, a participação de valores comuns, já a segunda tende a salientar as peculiaridades, as diferenças existentes nuns e noutros.¹²⁶ São, portanto, processos complementares, da mesma forma que regionalismo e universalismo.

Os romances estudados privilegiam aspectos que oscilam entre o regional e o universal e não há dúvida de que é possível encontrar, em ambos, elementos que legitimam a sua classificação quer como regionais quer como universais.

Nesta perspectiva, Bento da Cruz assemelha-se a um realista de carácter universal porque na sua obra detecta-se, por um lado, a preocupação em não suavizar a realidade e, por outro, em não a apresentar de forma obscura e sujeita a fatalismos. Além disso, não nos transmite pessimismo, nem descrença, embora não ignore o mal que pesa sobre os ombros do homem, principalmente do mais desfavorecido. Bento da Cruz é exacto, sem excessos, equilibrando a emoção e a linguagem, objectividade e subjectividade.

Vistas as coisas deste modo, *Universalismo* e *Regionalismo* podem encarar-se como tendências não necessariamente opostas pois, se sujeitas à integração dos efeitos positivos, próprios de cada uma delas, atingem, provavelmente, uma dimensão literária e crítica mais produtiva, capaz de

¹²⁵ Cf., Amorim, Guedes, *Século Ilustrado*, 23 de Fevereiro de 1974, (documento avulso fornecido pelo autor).

¹²⁶ Cf. Cândido, António, *Literatura e Sociedade*, ed. cit., p. 23

reconhecer a imposição cultural e, ao mesmo tempo, empenhar-se na sua adaptação.

Bigotte Chorão lembra, metaforicamente, que “A humilde nascente não é obstáculo a que o rio venha a ter um curso internacional, onde barcos navegam e homens, e paisagens, e países desfilam”¹²⁷. O mesmo autor entende que “a literatura ou é nacional, mergulhando no húmus pátrio que lhe dá vida e viço, ou é uma planta artificial, sem graça nem alma.”¹²⁸

Acreditamos que o *regionalismo* é uma característica que avança, cada vez mais, no sentido de chegar ao *universalismo*; portanto é elemento agregador e não divisor. Este motivo, aliado à criação de personagens em nada idealizadas, sem pomposidade e artificialismo, assumindo uma postura de verdade e exactidão, encarnando as grandes questões humanas e preservando, ao mesmo tempo, a identidade e espaço locais, permite-nos integrar a obra de Bento da Cruz no romance de tendência regional – universal.

Assim, o que nos parece sair vitorioso de toda esta dialéctica é a universalidade da questão humana, num mundo em que os homens fazem História, mesmo sujeitos a incontornáveis adversidades.

É neste contexto que podemos afirmar que a coragem, a valentia, a solidariedade, a perseverança, características inerentes às personagens dos romances de Bento da Cruz, permanecem nos seres humanos, alterando-se, apenas, alguns ideais por que se debatem actualmente.

Entendemos, também, que a obra deste escritor poderá lançar alguma luz sobre um pedaço da cultura de Trás-os-Montes, que ainda carece de atenção.

¹²⁷ Chorão, João Bigotte, *O Escritor na Cidade*, ed. cit., p. 26.

¹²⁸ Chorão, João Bigotte, *O Escritor na Cidade*, ed. cit., p. 24.

As personagens: retábulo da essência humana, da sabedoria dos mais humildes e do cinismo do poder

Ao lermos a obra de Bento da Cruz, não podemos deixar de referir que nos apercebemos de uma espécie de herança rousseauniana, quer na pureza do instinto, quer na espontaneidade das gentes retratadas, - a sociedade perverte o homem natural que vive em harmonia com a natureza, livre de egoísmo e de cobiça. Assim, entendemos que a intenção de ambos não é repudiar valores, nem reduzir o Homem ao estado natural (Bento da Cruz é bem claro quando afirma não ser “contra o progresso nem [suspirar] pelo tempo das alpergatas de barro”¹²⁹) mas, acima de tudo, expor abusos, procurando encontrar os meios para diminuir as injustiças.

No entanto, da mesma forma que Voltaire teceu inúmeras críticas a Rousseau, afirmando que ele defendia o renascer do desejo de voltarmos à primitividade, também os críticos literários acusam e formulam juízos de valor preconceituosos acerca da escrita dita regionalista, nomeadamente no que às personagens diz respeito.

No universo do autor em estudo, apreende-se o valor exemplar das personagens que reflectem uma espécie de reivindicação de pureza instintiva, de autenticidade de valores e de generosidade natural. Transmitem-nos, sobretudo, uma declaração da unidade fundamental - o indivíduo - especialmente pela revelação da identidade.

Percebe-se nas personagens de Bento da Cruz a coexistência de uma enorme sensibilidade e de uma extrema rudeza, porquanto elas são capazes de atitudes e de expressões rudes, mas, também, do gesto mais delicado, quase em simultâneo:

¹²⁹ Cruz, Bento, *Histórias da Vermelhinha*, Editorial Notícias, p. 6.

...o Saias descobre um filho do Aníbal na Feira dos Santos, e de que se lembra o diabo? Atrair o rapaz a Gostofrio e fazê-lo purgar no lombo os pecados do pai. Logo no caminho à praina do Crasto, organizou um jogo do pau, na secreta malícia de aplicar umas bordoadas ao forasteiro. Entravam na marosca, além dele, Saias, o Benjamim, o Flisbino e o Picamilho, (...). Mas deram com as ventas num sedeiro. Para espanto e castigo dos quatro, o rapaz saiu-lhes puxador de alta escola. Não os rachou a todos, porque não quis ou se não apercebeu da traição. (...) Falhado o golpe, resolveram embebedá-lo. (...) Foi então que o milagre se deu e o espanto nos fulminou. Após um intróito em que disse da alegria de estar entre familiares e amigos, passou à resposta: que o velho pai ainda era vivo (...) que estava sempre a falar, com saudade e lágrimas, da família, dos amigos de infância, da terra Natal; que morria com a paixão de não voltar a ver Gostofrio, (...). Cantava numa voz poderosa e quente (...). Era a voz do sangue e da fraternidade a cantar dentro do nosso peito. Era o sortilégio do perdão e do amor entre os homens.¹³⁰

Nestas figuras podemos ver o mesmo que Miguel Torga, metaforicamente, viu nas pessoas do meio rural, a quem compara a “pinheiros que crescem nas falésias, fustigados sem piedade pelo vento”¹³¹, em quem poucas pessoas reparam, mas quem estiver mais atento percebe que, apesar de terem a morte permanentemente a rondá-las, semeiam uma riqueza singular. Eles, os pinheiros, tiram da vida o que em verdade e em honradez uma vida pode conceber. Assim sendo, continua Miguel Torga, qual é o pinheiro humano, bem abrigado num vale, capaz de compreender o irmão da ravina? É esta consciência comovedora do efémero, que a doença traz a quem a suporta, que os são nunca poderão entender nem aliviar¹³².

O mesmo autor contesta os que apregoam que estes homens que “cavam de sol a sol, comem um caldo, mas são felizes, não têm preocupações”¹³³, que “quem sofre por uma ideia bebe, digamos, o sofrimento

¹³⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 165 – 167.

¹³¹ Torga, Miguel, *Diário I*, 6.ª Edição, Coimbra, p. 21.

¹³² Cf. Torga, Miguel, *Diário I*, ed. cit. p. 21.

¹³³ Torga, Miguel, *Diário I*, ed. cit., p. 21.

na sua forma pura. (...) Todos são homens. E ao cabo, tanto pesa uma arroba de terra como uma arroba de filosofia.”¹³⁴

Agora sem dúvida exagerando, ressaibido por me ter deixado iludir pelas aparências: roupinhas limpas e tranças alinhadas. E acima de tudo: sobrinha da professora, gente de outro mundo. Fidalguia. O meu instinto de servo da gleba a impelir-me para ela: talvez um degrau, porta simples encostada, possibilidade de fuga à escravidão da terra. Ou inconsciente avidez de prestígio social dum solitário pastor na campina solitária?¹³⁵

Em literatura, na medida do possível, as personagens devem ser suficientemente originais e consistentes para atrair a atenção do leitor, permitindo-lhe, simultaneamente, o prazer e a aprendizagem. Na vida real a contradição e a incompletude dos seres é recorrente, mas na ficção parece-nos sinónimo de defeito de construção da personagem.

Não nos surpreende que quase toda a ficção do autor revele nas suas personagens (que a todos, com o seu olhar de menino, aureolou de heróis e senhores de mundo e aventura¹³⁶) uma inalterável luta num mundo que lhes tolhe a vida, propriamente dita. O perfil das personagens que predomina nas obras de Bento da Cruz é o de um ser profundamente humano, resignado com a sorte, a dureza da vida do campo e a inclemência dos elementos:

Um círculo de cerros constringe Gostofrio por todos os lados. Nos dias de sol, as montanhas abaixam-se e o coração da gente respira. Nos de chuva, as cordilheiras avançam e esmagam de tristeza o coração da gente. E em Gostofrio chove ou neva trezentos dias por ano. Ai como eu gostava de fugir de Gostofrio. Desde muito antes de escutar ao Pai, de olhos marejados: «Deus me ajude a dar-te melhor ofício do que este de lavrador. Não queria ver os meus filhos a fossar na terra como eu toda a minha vida tenho feito.»¹³⁷

Apesar de atravessarem inúmeras adversidades, de padecerem de uma miséria inteiramente humana (em nada invulgar ou excepcional), encontram

¹³⁴ Torga, Miguel, *Diário I*, ed. cit., p. 21.

¹³⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 106.

¹³⁶ Cf. Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 125.

¹³⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 106.

frequentemente soluções para as suas dores e as suas perdas (estas, também, completamente humanas). As personagens penam com essa miséria porque são “pessoas” e não, obrigatoriamente, porque estão enquadradas no Nordeste Transmontano.

No entanto, verifica-se uma preocupação constante e prioritária em fazer chegar até nós a exaltação da vitalidade, da força e da coragem das personagens que retrata (estas inteiramente emolduradas na região transmontana de Barroso) para a permanente luta, até ao limite das suas forças, conseguindo sobreviver/“vencer”, apesar das contrariedades de uma vida difícil, repleta de riscos e opressões. A estes, o narrador de *Planalto de Gostofrio*, chama-lhes “servos da gleba, *ab initio* condenados a comer o pão que o diabo amassou com o rabo”.¹³⁸

Quase que poderíamos pensar que as personagens retratadas na obra de Bento da Cruz apreenderam o que Zaratrusta defendia ter adquirido do seu novo “eu “ – a não enterrar a cabeça na areia das coisas celestes, mas a levantar altivamente a cabeça terrestre que cria o sentido da terra, seguir voluntariamente a via que os homens seguem, cegamente, aprovando esta vida e não fugir-lhe, como os doentes e os decrepitos.¹³⁹

Os pais de Toninho, em *Planalto de Gostofrio*, são o exemplo da dureza da vida do campo, mas também do alento mútuo que lhes alimenta “a chamazinha da esperança”¹⁴⁰. O narrador diz que o Pai não emigrou porque a Mãe encontrou em Gostofrio “a miragem a dentro de portas: um tasco (...)”¹⁴¹. Apesar de não terem fregueses nem dinheiro e “vergarem de desânimo”, encontravam sempre fôlego para continuar (“- Deixa lá, mulher: de hora a hora, Deus melhora.”¹⁴²).

O mundo rural abriga, ainda hoje, homens simples, espontâneos, mas verdadeiramente capazes de surpreender, com as suas atitudes, a sociedade urbana, considerada, por muitos, inumana. É esta humanidade e solidariedade que percebemos, por exemplo, na personagem de André Lobo em *O Lobo Guerrilheiro*:

¹³⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 243.

¹³⁹ Cf. Abbagnano, Nicola, *História da Filosofia*, Vol. XI, ed. cit., p. 72.

¹⁴⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 115.

¹⁴¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 115.

¹⁴² Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 115.

Era, de igual modo, indulgente com os contrabandistas. Além do mais, no Barroso desse tempo, o contrabando (um contrabando pataqueiro de alpergatas de corda, pana, boinas, chapéus de palha, cigarros, canivetes, ovos, pão, azeite, fósforos e coisas no género (...)) não era considerado crime nenhum, mas um modo de vida como outro qualquer. Um modo de vida estuporado e mal pago.¹⁴³

Na escrita de Bento da Cruz, esse homem, geralmente condenado, consegue vencer ou enganar as vicissitudes da existência, ainda que só tenha ao seu alcance poucos recursos. Apesar dos pouquíssimos momentos de lazer ou de triunfo, tem o poder de desfrutar deles, seja no trabalho árduo do campo:

Seriam nove horas, meia manhã, meia seara. Sol de porta de fornalha aberta na cara da gente. O Pai andava a atar e o tio Luís, com três sucos à frente dele, fazia vértice de ângulo agudo na linha dos segadores. (...) Mesmamente, com o Pai e o tio Luís ali irmanados com eles no trabalho, a guerra entre o patrão e assalariados dava lugar à solidariedade entre homens da mesma classe.¹⁴⁴;

seja numa refeição melhorada:

A mesa estava agradável à vista, ao olfacto, ao paladar: três grandes pratos de batatas novas com bacalhau à espanhola, outros tantos das ditas com pimentos, o que dava quatro bicos por gamela¹⁴⁵;

num cantar à desgarrada:

- Ó Antónia, tu que és cantadeira, bota lá uma cantiga! (...) Antónia cavou pigarro, deu o lamiré e todas as vozes a seguiram, de início hesitantes, em breve em coral polifónico, (...) até a música das espigas se tornou mais agradável.¹⁴⁶:

ou ainda na exibição do típico jogo do pau:

¹⁴³ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 154.

¹⁴⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. pp. 242-248.

¹⁴⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 246.

¹⁴⁶ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 249.

Duma courela para a outra, ensaiavam jogos de pau com uma descontração mais própria de folgazões em manhã de festa do que de ceifeiros em tarde de segada. E então aos domingos, espicaçados pelo cio e pelos copos, é que era esgrimir de porrete que nunca mais acabava¹⁴⁷.

Este mundo remete-nos para Nietzsche uma vez que este entende a expugnação plena do homem sobre a terra e o seu corpo, eliminando o carácter problemático da vida e de toda a privação ou corrupção a que o homem está submetido.¹⁴⁸

Não podemos deixar de referir que desfrutar não é sinónimo de felicidade, quando muito é resignação, alimentada pela chamazinha da “esperança: partir um dia... para Lisboa, Alentejo, para o Brasil, para a América, para a África, para “cascos de rolha”: qualquer miragem serve”¹⁴⁹, embora alguns se limitassem a descobrir a miragem “dentro de portas”, sonhando, trabalhando, “avezinhas dia e noite esgravatando cibos para o ninho”¹⁵⁰.

A permanência nesta região também não é propriamente uma opção, é antes a falta dela. Aquele espaço não lhes traz perspectivas de felicidade, principalmente porque os atormenta a desigualdade e o desequilíbrio social que os cerca, o que fica claro nas falas das personagens quando dizem que “não é justo que uns passem a vida a arrotar de indigestão e os outros a ladrar de fome”.¹⁵¹

É claro que Bento da Cruz corre o risco de, à semelhança de outros, se ver confrontado com a acusação de que o universo “limitado” de personagens e espaços, que constituem a região de Barroso, não interessa ao resto do mundo. Pelo contrário, estas personagens interpretam um emocionado e vivo universo, feito de memória e de paixão, destacando-se verdadeiras lições de vida, de determinação, de perseverança, de solidariedade, de humildade e de entreatajuda.

¹⁴⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 236.

¹⁴⁸ Cf. Abbagnano, Nicola, *História da Filosofia*, vol. XI, ed. cit., p. 73.

¹⁴⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 115.

¹⁵⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 115.

¹⁵¹ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 83.

Gostofrio tem crescido comigo. É hoje uma aldeia com ares de burgo, mas ainda me lembro dela de tamancos e burel, toda negra nas casitas de colmo e pedra bruta, sem o menor fogacho de telha ou desmaio de cal. Os sobrados contavam-se pelos dedos e, todos juntos, não somariam tantas janelas de vidraça como dias tem o mês. Apesar disso, a rua parecia-me grande e a fauna por ela deambulante punha-me calafrios na espinha quando, pela mão de Carolina, atravessava o largo para ir tomar o café com a avó Júlia. Recordo-me bem do gosto amargo do café e de Carolina me arreliar (...).¹⁵²

É assim que, no romance *Planalto de Gostofrio*, o narrador remexe nos “quadros mais fundos e escuros do [seu] sótão”¹⁵³ e relata as vidas tão complexamente simples das personagens, todas conscientemente localizadas em Gostofrio. Este narrador não consegue “a esta distância colocar por ordem os pensamentos de então”¹⁵⁴ e os factos sucedem-se e sobrepõem-se ao sabor das reminiscências e das reflexões, mas tudo faz sentido e é devidamente orientado por ele:

Vacas metidas, fui para casa com sentido na merenda, mas na eira tive uma surpresa: a Angelina, moçoila peituda e roliça, a cujo seio andam ligadas as minhas primeiras lembranças vaidosas. Eu conto: quando cheguei àquela idade em que os rapazes de Gostofrio deixam os vestidinhos comuns de dois que todas as crianças usam enquanto mamam...¹⁵⁵

explicando até o que sente no presente da escrita: “num dia de feira, lembro-me, Feira dos Santos, era eu ainda muito pequeno (ai a ternura de rever-me pequenino e pastor de gado...)”¹⁵⁶.

O primeiro quadro é o da morte prematura da avó Júlia que, segundo ele, lhe “deixou mossas na personalidade”¹⁵⁷ e foi a causa do eterno luto da família. É esta morte, “a grasnar encavalitada na garganta da avó Júlia, estendida no leito, com o Senhor à cabeceira, entre duas velas, cuja luz

¹⁵² Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 5.

¹⁵³ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 5.

¹⁵⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 7

¹⁵⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 21.

¹⁵⁶ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 62.

¹⁵⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 6.

projectava as pessoas na parede e se reflectia nas lágrimas do Pai, que [o] tinha ao colo”¹⁵⁸, que desencadeia uma série de outros quadros marcantes para o narrador/protagonista.

As personagens vão surgindo, umas pelo papel fundamental que tiveram na sua formação, pela referência de valores, de força, de determinação, outras porque lhe vão sendo sugeridas pela memória e que o ajudam a narrar os acontecimentos de forma mais verdadeira e verosímil.

O quadro onde surge o Padrinho também está no fundo do sótão, mas “com mais luz do que o primeiro”¹⁵⁹, e retrata a partida deste para a América. Esta despedida é recordada “com uma tristeza de saudade muito semelhante à que deixam os mortos no dia do funeral”¹⁶⁰ pois o Padrinho é outro dos grandes homens que marcaram o narrador/protagonista: “só o Padrinho sabia dar coisas boas e pancadetes amigos com os nós dos dedos”¹⁶¹.

Esta personagem e o avô Barbado, “um vero fidalgo de aspeito e magnanimidade”¹⁶², “homem de larga experiência e coração”¹⁶³ fazem parte da galeria de homens de valor universal, que integram a obra do autor.

Os pais de Toninho, Manuel Marinheiro e Maria Morena, são, sem dúvida, o expoente máximo da vitalidade, da honestidade, da solidariedade, do sentido da honra, da determinação e da abnegação: “Mesmo que me fosse dado escolher os meus progenitores entre os grandes deste mundo, eu escolheria, então como hoje, e sem pestanejar, os desprotegidos Manuel Marinheiro e Maria Morena de Gostofrio”¹⁶⁴.

Para ele, o Pai “tão abnegado na ternura do sorriso e no azul dos olhos”,¹⁶⁵ era “...lavrador ao velho estilo patriarcal: dextra no leme, sinistra na aguilhada, olhos em frente, pés firmes no rumo, vozes de paz e autoridade”¹⁶⁶;

um homem que não recusava nem devia um favor a ninguém. E tinha renunciado ao tabaco para [lhe] acudir às despesas

¹⁵⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 5.

¹⁵⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 6.

¹⁶⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 7.

¹⁶¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 7.

¹⁶² Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 12.

¹⁶³ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 16.

¹⁶⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 281.

¹⁶⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 209.

¹⁶⁶ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 113.

escolares”¹⁶⁷; era bom já não ter horror ao lume dos relâmpagos nos pés descalços, abraçar- [se] ao pescoço do Pai e sentir o fundo e quente cheirinho a barro que dele vinha¹⁶⁸.

O Pai é o seu porto seguro, o que possui “aquela coragem de mover montanhas”¹⁶⁹, é o símbolo do homem de Barroso e do mundo.

Quanto à mãe, “A mulher mais asseada da terra (...) desempenada, alta, cabelos claros, olhar de muita segurança, perfil de muita nobreza”¹⁷⁰, faz dela o símbolo das mulheres de Barroso, elevando-a a super-mulher.

O narrador apresenta, em geral, a gente que o rodeia, como um encantamento: “Era a voz de sangue e da fraternidade a cantar dentro do nosso peito. Era o sortilégio do perdão e do amor entre os homens”¹⁷¹.

São muitos os valores e ensinamentos que toma de seus pais e da gente rude e analfabeta, mas não ignorante, que consigo convive.

O crescimento interior do narrador/protagonista só se completa com o amor incondicional que sustenta pela prima Carolina, seu “amor convalescente, pureza, claridade”¹⁷². Foram, sem dúvida, todas as experiências que partilhou com Carolina e o forte sentimento que alimentava por ela que o ajudou a crescer e a consumir a felicidade de Adão tranquilo, senhor do seu corpo¹⁷³.

Através desta personagem, Toninho, simultaneamente herói e narrador de primeira pessoa¹⁷⁴ (autodiegético), apercebemo-nos de uma espécie de metaficção, uma auto-consciência do herói e da narrativa:

Mas estou a ver com toda a nitidez, ao longe, um gaio a sobrevoar os Lombos, a Veiga, o Lameiro de Baixo (...) Todos os dias, à mesma hora, meia manhã, mês de Abril, Maio, Junho. (...) um devaneio para um menino solitário E vai daí, num domingo em que eu estava de pés na água e mãos tecendo uma cartola de

¹⁶⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 75.

¹⁶⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 15

¹⁶⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 261.

¹⁷⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 115.

¹⁷¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 167.

¹⁷² Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 168.

¹⁷³ Cf. Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 359.

¹⁷⁴ Genette, Gérard, *Discurso da Narrativa*, Prefácio e revisão da tradução de Maria Alzira Seixas, Coleção Práticas de leitura, 1.ª Edição, 1979. (Genette, a propósito da ponderação do estatuto da narração, rejeita as expressões - “narrador de primeira pessoa” e “narrador de terceira pessoa” - por considerar que a pessoa do narrador só pode estar na sua narrativa, como todo o sujeito da enunciação no seu enunciado – na primeira pessoa).

junco, fui súpeto alarmado por uma grasnada de gorjas rascantes de pavor ou cólera....¹⁷⁵

Aí o narrador repete e excede o desenvolvimento do protagonista, o Toninho, ou seja, refaz o percurso do seu “imaturado duplo face ao assédio reminiscente deste”¹⁷⁶:

Pastor pastorinho de apenas três cabeças, eu purgava nostalgia das quinze vacas e uma égua do tempo do bisavô. Com uma falange de trinta cornos à frente, qualquer um pode armar em rei Filipe e vencer Gregos, dizia eu cá para mim – por outras palavras, claro¹⁷⁷.

Como a narração é feita a partir da perspectiva ou ponto de vista da personagem central (“visão ‘com’”)¹⁷⁸, já afastada daqueles momentos da infância, temos a história, os factos e os sentimentos vistos sob a perspectiva da memória e, portanto, marcada pelo carácter subjectivo. O leitor é induzido a partilhar os sentimentos, vividos pela personagem:

Outro remorso da minha infância é o do cordeirinho branco. Diferente. Vejo a diferença, embora a não sinta. Diria: roubo do relógio, profanação dos lares da Casa Grande; morto o cordeirinho, meu cândido e primeiro atentado à inocência das coisas, espécie de crime contranatura. Mas eu conto...¹⁷⁹

Este romance ao tratar do processo de desenvolvimento e de aprendizagem do protagonista (saliente-se que é do sexo masculino), do atingir da sua maturidade e, conseqüentemente, na sua aceitação e integração na sociedade, principalmente pelos mais velhos, conseguindo o equilíbrio indivíduo – mundo (contendo, também, aquilo que se pode denominar de

¹⁷⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 153.

¹⁷⁶ Conrado, Júlio, “ [recensão crítica a *Planalto de Gostofrio* de Bento da Cruz] “ in Revista Colóquio/Letras, Recensões Críticas, n.º 141, p. 299.

¹⁷⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 191.

¹⁷⁸ Bourneuf, Roland e Ouellet, *O Universo do Romance*, Livraria Almedina, Coimbra, 1976, p. 112. (A visão “com” caracteriza-se pela escolha de uma personagem que será o centro da narrativa e a partir daquela vemos as outras)

¹⁷⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 118.

estrutura auto-reflexiva), remete-nos para o romance de formação (ou para usar o termo alemão, corrente no vocabulário da crítica, *Bildungsroman*¹⁸⁰).

O exame da 4.^a classe é, quiçá, o padrão mais bonito desta fase da minha viagem à descoberta da vida e da morte. (...) A alegria desta boleia ficou-me para sempre (...) a acenar na lembrança da coragem e ralé de garoto que, pela primeira vez, sozinho, sobe a Montagreste a aviar recados à Mãe (...) Aventuras de ratinho de campo na cidade¹⁸¹.

A acção de *Planalto de Gostofrio* termina no momento em que Toninho atinge a maturidade física, consumada pela efectivação sexual: “o anjo prisioneiro no meu corpo libertou-se, disse-me o que havia a fazer e eu obedeci, sem a menor hesitação, como se desde sempre o tivesse feito”¹⁸², cabendo, no entanto, a Carolina a afirmação e a razão desta maturidade (que, embora da idade do protagonista, “parecia ter nascido com a escola toda e nada ignorar dos mais velhos”¹⁸³).

No universo feminino, Carolina é a personagem com mais relevância. Efectivamente, a evolução existencial de Toninho é orientada em função de Carolina, sua prima, a quem Óscar Lopes chama de “Cloé do Barroso”. O mesmo autor considera que as personagens femininas escolhidas por Bento da Cruz têm uma autonomia interior incontível, mas elege Carolina, a quem compara com a Cloé de Longus, e caracteriza como esperta, luciferina, “portadora de luz”, “terna, mas azogadamente esquiva, esfusiante de picardias, um eterno feminino em botão”¹⁸⁴.

Ensinado por ela, ele aprende o sentido da vida e parte ao encontro do mundo, de novas experiências, mais preparado e seguro de si:

Por esse tempo, tiveram os meus olhos a desdita de reconhecer que o corpo de minha prima crescia mais depressa do que o meu.

¹⁸⁰ Termo usado pela primeira vez em 1803 por Karl Morgenstern cit. in: Candeias, Maria de Fátima, *Constantes e Variantes no Romance de Formação*, p. 2.

¹⁸¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 215.

¹⁸² Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 359.

¹⁸³ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 6.

¹⁸⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. V

Mal comparado, era como se nela fosse já Primavera de rosa a abrir e em mim ainda Inverno de botão recolhido¹⁸⁵.

É talvez um dado inovador o reconhecimento da intuição extraordinária da mulher em relação aos fenómenos da vida, assim como a sua concreta e fundamental participação na transformação do rapaz em homem. Carolina, ao mesmo tempo que se descobre como mulher, exalta a sua força e a feminilidade libidinosa, o que contribui também para a revelação do protagonista: “Amormente, o pouco mais de nada que sei da vida, a Carolina o devo. A quem me pesa ter julgado tanta vez o meu anjo mau, só agora vendo como ela foi o anjo bom da minha infância”¹⁸⁶. É o próprio a reconhecer que “enquanto na [sua] barba persistia aquela penugem de pêssigo verde que [lhe] ficara da desmama, os seios de Carolina galgavam os espartilhos com que a mãe dela em vão tentava abafá-los...”¹⁸⁷

Carolina é, sem dúvida, uma menina que se transforma em mulher, pouco a pouco, embora de forma mais impetuosa e prematura que Toninho se torna homem. É ela que, no final da narrativa, depois de lhe ensinar como libertar “o anjo prisioneiro no [seu] corpo”, se lhe refere como “- És um homem, Toninho”, “O meu homem...”¹⁸⁸

É aqui que se dá a passagem da idade da inocência à emancipação afectiva (“Aqui para nós, o único sinal que no corpo tenho, a Carolina pertence.”¹⁸⁹).

Toninho, no final da narrativa, não adquire a certeza do seu papel no mundo, mas passa da total ignorância de si ao auto-conhecimento, ainda que essa transformação seja mais notória na percepção do seu corpo e da sua virilidade, não deixando, no entanto, de representar o momento crucial do seu crescimento (“Eu fiquei deitado de costas na seara, surpreendido e feliz, Adão tranquilo, senhor do meu corpo...”¹⁹⁰).

Tendo em conta que o romance pode ser de acção ou de acontecimento, “caracterizado por uma intriga concentrada e fortemente

¹⁸⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 233.

¹⁸⁶ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 143.

¹⁸⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 286.

¹⁸⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 359.

¹⁸⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 197.

¹⁹⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 359.

desenhada com princípio, meio e fim bem estruturados”¹⁹¹; de personagem, “caracterizado pela existência de uma única personagem central, que o autor desenha e estuda demoradamente e à qual obedece todo o desenvolvimento do romance”¹⁹², de espaço, “que se caracteriza pela primazia que concede a pintura do meio histórico e dos ambientes sociais nos quais decorre a intriga”¹⁹³, este romance de Bento da Cruz, contém elementos de mais de um tipo. É assim porque a obra está intimamente ligada à sua riqueza e diversidade.

Se, por um lado, pode ser considerado romance de personagem, uma vez que existe uma personagem central, ou protagonista - o Toninho - que ocupa um lugar fulcral no desenvolvimento da acção, realçando-se as suas aventuras, a formação, as experiências amorosas, os conflitos, as decepções e a vida; por outro, não podemos deixar de referir a importância que, ao longo de todo o romance, assume o espaço físico, bem determinado – Gostofrio (nome que, aliás, surge no próprio título). A língua e as tradições também estão intimamente ligadas a este recorte espacial transmontano, sendo que se inscreve na obra literária como ancoragem cultural. Neste âmbito, o narrador/protagonista apresenta as razões por que nunca chegou ao “conhecimento suficiente das letras para as juntar num vocábulo”¹⁹⁴ e por que “[l]he] deixaram fracas recordações”¹⁹⁵, percebendo-se a intenção de criticar o sistema vigente.

Toninho aprende, com os outros rapazes da sua aldeia, as primeiras letras com Mestre Saias que “era, ao tempo, o representante do saber em Gostofrio”, saber esse que nos é apresentado, pelo narrador, de forma irónica e, ao mesmo tempo, crítica de uma realidade vivida:

Saber por ele herdado dos nossos maiores e por ele enriquecido com estágios em quartéis, enfermarias, cadeias, locais onde ordinariamente se reúne pessoal com larga experiência do mundo.

¹⁹¹ Wolfgang Kayser, cit. in Silva, Vitor Manuel de Aguiar, *Teoria da Literatura*, ed. cit., p. 685.

¹⁹² Wolfgang Kayser, cit. in Silva, Vitor Manuel de Aguiar, *Teoria da Literatura*, ed. cit., p. 685.

¹⁹³ Wolfgang Kayser, cit. in Silva, Vitor Manuel de Aguiar, *Teoria da Literatura*, ed. cit., p. 685.

¹⁹⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 66.

¹⁹⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 67.

Além de que o mestre era muito cultivado em almanaques, bordas-d'água e folhetos de cordel¹⁹⁶.

A reprovação da moral tradicionalista, percebe-se quando descreve a opinião “do Rabão e outros que tais, cujos filhos continuavam analfabetos”¹⁹⁷ e que entendiam que:

A escola, aos jovens, só lhes servia para a pouca-vergonha (...). Bem, condescendiam os mais jacobinos, aos rapazes não lhes fará mal nenhum saberem escrever e deletrear uma carta de negócios. Mas para isso não era preciso mandá-los à aula régia: aprendiam com o Saias, mestre em cursivo de tabelião¹⁹⁸.

O pai de Toninho, por ser um inconformado e o ter mandado à escola oficial, incorreu na censura dos vizinhos:

- Andas praí desgraçado, sem ninguém que te deite a mão a nada, e trazes aquele rapaz na vadiagem. (...) Mas o pai era o homem de mais coração de Gostofrio.
- Quero fazer por ele o que os meus pais não fizeram por mim.
- Se calhar, algum doutor...
- Tivesse eu meios, que a vontade era só uma.
- Oxalá não dê com a pedra na cabeça...
- Darei, darei...Mas ele, pelo menos, há-de ficar a ler e redigir correcto.
- E isso de que lhe serve em Gostofrio?
- São cá ideias minhas.
- Tolas!¹⁹⁹

Este é apenas um elemento do crescimento da personagem, pois o maior contributo passa pela aprendizagem que retira das vidas, repletas de saber de experiência feito, de uma região que espelha um país e uma época bastante conturbados.

As restantes personagens vão-se revelando, ao longo da acção, nos dois romances. No entanto, quer o narrador de *Planalto de Gostofrio* quer o d'O Lobo *Guerrilheiro* preocupam-se em descrever a hierarquização desigual da

¹⁹⁶ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio* ed. cit., p. 66.

¹⁹⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 71- 72.

¹⁹⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 71- 72.

¹⁹⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 71- 72.

sociedade, assemelhando-se a uma vertente de literatura de intervenção social. Os factos são narrados, muitas vezes, com a preocupação de relatar opiniões, pensamentos e impressões de uma ou mais personagens, influenciando, assim, o leitor a posicionar-se a favor ou contra eles:

...para este pastor pateguinho candidato ao 2.º grau, os fidalgos da vila, gente de privilégios e altas categorias, reis e senhores das nossas vidas: bacharéis, licenciados, engenheiros, presidentes, escrivães, fiscários, autoridades escoras do trono e do altar, vosselências. Dos que medravam no comércio, sobressaiam: o Sousa e Cousa, Enes (...); nas artes e ofícios: Sardão, Cuco (...), todos mui doutos em querelas e moléstias²⁰⁰;

Como em todos os espectáculos, também no da Rua Direita entravam actores de nomeada e figurantes desconhecidos. Destes, faziam parte crianças maltrápidas e descalças; mendigos, intermináveis levas de mendigos, cobertos de andrajos e de chagas, no corpo e na alma; camponeses de socos e burel, rosto enigmatizado de trabalhos, vergonhas e misérias; gente anónima, que entra, sai, desaparece, não deixa rasto.

Quanto aos actores principais, (...) os funcionários públicos de carreira, magistrados, engenheiros e regentes agrícolas, tesoureiro e chefe da Fazenda, idem dos correios, comandante da guarda republicana, veterinário municipal, inspectores e companhia limitada, eram aves de arribação. Matavam-se, à vista desarmada, pelo arzinho superior e despiciente de colonizadores, de passarões caricatos na sofreguidão de encher o papo e baterem asas para o poleiro das grandes cidades.

Menos numerosos, os licenciados filhotes da terra, atenciosos e mesureiros com todo o bicho-careta, possível futuro freguês (...)

Os comerciantes, de meia-tijela, antiquados, com fátuas pretensões a burgueses (...) recostavam a ociosidade pelas esquinas, ronceiros, nariz ao alto, a farejar rasto de cliente (...).

Amanuenses disto e daquilo, escapos aos olhos dos superiores, escondiam-se pelas tavernas a cobrarem em copos, buchas e

²⁰⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 218.

cigarros, pagos pelos simplórios das aldeias, supostos favores feitos à barra das repartições²⁰¹.

Sem dúvida que detectamos a valorização do meio rural, sobretudo da gente que o povoa e que não sentimos que compactue com o poder, mas não estamos perante a idealização da sociedade rural, nem da utopia da unidade (apesar de nos anos 40 despontar o nacionalismo explorado pelo Estado Novo - valorização da literatura tradicional, como suporte de identidade nacional).

Os romances descrevem o dia-a-dia das personagens, narrando histórias verosímeis e nós, leitores, agentes dinâmicos²⁰², percebemos a denúncia e a revolta perante as injustiças sociais e a valorização da perseverança, da coragem e da capacidade do homem em resistir.

Na obra *O Lobo Guerrilheiro*, o narrador, agora num discurso de terceira pessoa (heterodiegético), inicia a narração com a personagem central, André Lobo, “que atingira uma velhice tranquila e considerada”²⁰³. Num processo de analepse, narra a vida desta personagem, nascida no “coração de Barroso, aurícula de Gostofrio, sangue de lavradores”²⁰⁴.

A vida desta personagem central decorre entre amores impetuosos e arrebatadores, ciúmes, tramas familiares, contrabandistas e guerrilheiros, com um detalhado enquadramento político-social.

O narrador onisciente traduz a ordem, o funcionamento do mundo que retrata, hierarquizando os factos, colocando-os numa sequência explicativa.

Este romance é construído, conjugando o dia-a-dia, vivido e sentido pelas personagens inscritas num espaço rural fronteiriço, com os problemas da Guerra Civil de Espanha, os seus reflexos e a vivência do amor pela personagem central.

Os primeiros sintomas deste amor são vividos por André Lobo em relação a Judite, “menina púbere e muito compostinha de carnes”²⁰⁵ que o provocava “desapertando o vestido no peito e a repuxá-lo nas pernas”²⁰⁶. Lobo, então com catorze anos, fica completamente rendido e sente “uns calores

²⁰¹ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., pp. 197-198.

²⁰² Cf. Silva, Vítor Aguiar e, *Teoria da Literatura*, ed. cit., p. 300.

²⁰³ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 5.

²⁰⁴ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 10.

²⁰⁵ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 11.

²⁰⁶ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 11.

estranhos, um súbito ingurgitamento nas veias, umas atrapalhões de estudante caloiro chamado pela primeira vez à lição”²⁰⁷.

A outra mulher por quem Lobo se apaixona é Consuelo, uma bela guerrilheira antifranquista, “ágil, e harmoniosa, (...) cabelos castanhos com reflexos doirados pelos ombros, um enfeite em forma de borboleta de asas abertas na cinta, a toda a largura das ancas, que se desenhavam boleadas e ondulantes como searas de papoilas”²⁰⁸. Consuelo envolve André Lobo nas tramas da política activa e convence-o, por amor, a abandonar a farda e a posicionar-se como anti-salazarista, para que se pudesse consumir o “casamento virtual”²⁰⁹. Consuelo enriquece a galeria de personagens femininas da obra de Bento da Cruz. Pertence ao grupo de mulheres de carácter forte, corajosas e decididas, que definem o rumo da vida dos protagonistas, situando-se, também, no centro da acção e da narrativa. Por Consuelo (n’ *O Lobo Guerrilheiro*) e por Carolina (em *Planalto de Gostofrio*) passam as decisões, as lembranças, o passado e os fios da vida dos protagonistas (André Lobo e Toninho, respectivamente) são tecidos pelas escolhas feitas por elas. Pode-se, talvez, dizer que, em ambos os romances, as mulheres são causa e os homens consequência. Estas mulheres são matrizes da vida e do texto, mesmo não cabendo a nenhuma delas a narração.

Na obra de Bento da Cruz procura-se a essência, vai-se em busca de uma verdade não única, mas plural, uma verdade que caiba em todos. Descobre-se que não há sujeitos absolutos.

A solidariedade e a entreatajuda ressaltam, sem dúvida, como virtudes deste povo: “Lobo estava sempre disponível para servir de capa a um lavrador em dificuldades – por a intempérie lhe ter levado a colheita ou a doença o gado”²¹⁰. No entanto, o autor teve o cuidado de, a par com as virtudes, nos mostrar, de forma exemplar, personagens que encarnam o outro lado do ser humano – a ambição, a traição, a morte (o acto de matar) – pois “em toda a parte do mundo os homens, à face da moral corrente, têm defeitos e têm

²⁰⁷ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 11.

²⁰⁸ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 170.

²⁰⁹ Conrado, Júlio, “ [recensão crítica a *O Lobo Guerrilheiro* de Bento da Cruz] ”, ed. cit., p. 299.

²¹⁰ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 154.

qualidades”²¹¹. Assim, Benjamim, sobrinho de Lobo e contrabandista, é uma das personagens que nos permite confrontarmo-nos com a ambição, o ódio, a vingança e a hipocrisia do ser humano: “Benjamim aproximou-se, riso escarninho nos beiços, ódio sujo nas pupilas. (...) colou de novo a mascarilha de bom rapaz, saiu do pátio e meteu rua abaixo a assobiar uma copla brejeira”²¹². Esta personagem, de quem se suspeitava ter assassinado a viúva Berta, apesar de lhe ter feito um “enterro de certa pompa”, não se “livrou das bocas do mundo”²¹³ e do desprezo da própria mãe, Balbina:

Dias depois do funeral, vinha Benjamim a sair de casa da Berta, agora sua, regressava de encaminhar a rês (...) Encarou o filho com imenso desdém:

- Olá morgado! Chegaste onde querias! Já tens casa, terras...

(...)

- Ladrão! Não passas de um ladrão... Dum assassino! Mataste-a, por amor disto...²¹⁴.

Benjamim acaba por ser assassinado por Agrelos, guarda-fiscal, homem violento, ligado ao poder vigente e que não granjeava qualquer simpatia:

Lobo não gostava dele. Achava-o um ambicioso e um parlapatão. Agrelos sonhava ascender rapidamente na hierarquia. Chegar a cabo, a sargento a ... comandante. (...) Estalado o verniz de pretenso homem superior, Agrelos punha a descoberto a casca grossa de verdadeiro labroste²¹⁵.

Apesar de todos reconhecerem que

Benjamim, era um estoura-vergas, sem moral nem respeito por ninguém ... naquele dia todos esqueceram as suas irreverências e as suas tropelias para se lembrarem apenas da juventude, da sua beleza, da sua coragem²¹⁶.

Assim, após a sua morte, ele acaba por representar

²¹¹ Bacelar, José, *Da Viabilidade do Romance Português de Interesse Universal*, Seara Nova, Lisboa, 1938, n.º 594, p. 244.

²¹² Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 229.

²¹³ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 228.

²¹⁴ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 228.

²¹⁵ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 205.

²¹⁶ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 290.

O desespero secular de um povo oprimido (...) de olhos impotentes no absurdo da juventude arbitrariamente ceifada pela autoridade. (...) E todos soluçavam lágrimas na manga da jaqueta, todos gemiam como animais encurralados nas armadilhas da vida²¹⁷.

Esta morte prematura provoca em Lobo a eterna reflexão sobre a condição humana:

«Que medo eu tinha da morte na juventude! A simples ideia de que podia morrer, de que tinha de morrer um dia, deixava-me apavorado... Depois esse terror da morte veio diminuindo com os anos. Hoje quase não tenho medo de morrer... Porquê? Um tronco novo, cheio de seiva, carregado de flores ou de frutos, grita, debate-se, resiste à foice... Um tronco ressequido tomba por ele mesmo, silenciosamente, sem resistência nem sofrimento. Benjamim era um belo ramo, forte, viçoso, com seiva para largos anos»²¹⁸.

Perante o corpo desfalecido de Benjamim, Lobo conclui, desta tragédia, que “era realmente triste ver os destroços a que a loucura dos homens, em poucas horas, reduzira um corpo que a natureza levava vinte e cinco anos a construir e a aperfeiçoar”²¹⁹.

Personagens e passagens como estas permitem-nos falar de universalidade, ainda que defendamos a teoria do relativismo ético que afirma não existir uma só base objectiva e universal sobre a qual se possa erguer um sistema único, válido para todos os homens. Mas

Sob o revestimento diferente que lhe dá o tempo ou que lhe dá o espaço, são sempre nas suas linhas gerais as mesmas necessidades, as mesmas paixões, os mesmos anseios, os mesmos terrores que os guiam. Um drama da miséria, ou um drama do amor, ou um drama da ambição, ou um drama da velhice, passado hoje ou há três séculos, passado num estado da América do Norte ou em qualquer ilha da Oceania, poderá

²¹⁷ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit. p. 288.

²¹⁸ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 289.

²¹⁹ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 289.

desenrolar-se de maneira diferente, poderá até mesmo ter uma solução diversa, mas a verdade é que obedecerá sempre a uma mecânica muito aproximadamente igual²²⁰.

A obra de Bento da Cruz está construída sobre valores que são de todos os homens e de toda a parte, valores estes que representam tudo o que há de eternamente humano no homem.

Os homens com os seus desastres e as suas derrocadas, se souberem realmente lutar e ser sublimes, serão sempre, em todas as circunstâncias, dignos de curiosidade universal²²¹.

²²⁰ Bacelar, José, *Da Viabilidade do Romance Português de Interesse Universal*, Seara Nova, n.º 589, p. 137.

²²¹ Bacelar, José, *Da Viabilidade do Romance Português de Interesse Universal*, Seara Nova, n.º 597, p. 316.

A linguagem: o húmus vocabular – uma necessidade.

O escritor é aquele que inventa, não uma língua, mas uma linguagem, daí a afirmação geral de que em literatura importa mais o modo como é dito do que o que é dito.

Bento da Cruz usa a língua de Camões e de Vieira, num estilo muito próprio e formal, mas a linguagem é a das gentes de Trás-os-Montes. A propósito, lembramos Jorge Luís Borges quando diz que a sua língua é a de Góngora, Cervantes, Quevedo, mas a sua linguagem é a dos homens dos subúrbios de Buenos Aires. É aqui que surge a questão do estilo, da originalidade (o que a maioria entende incompatibilizar-se com o universal).

O escritor tem na linguagem uma série de combinações, aplicações e possibilidades de comunicação e parece-nos ser na função comunicativa da linguagem que está uma das potencialidades da universalidade.

Provavelmente, passagens como:

Vésperas da liberdade, descobriu um minúsculo ponto negro na transparência do horizonte, acima da mancha compacta da montanha. Uma dedada de tinta preta na pureza do céu. (...) Benjamim seguiu-lhe durante muito tempo a linha de navegação, o amolecimento das abas, o murchar da copa. Quando o azul do céu começou a esmorecer e o flanco da montanha a tingir-se de escura, a nuvem era apenas um leve rolo de fumo em novelo desfeito²²²,

levaram Óscar Lopes a considerar no prefácio de *Planalto de Gostofrio* que esta obra é uma das poucas que exprime em poesia a infinita alegria de um hino à vida.

²²² Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 212.

Sentimos-lhe a aptidão de formular e comunicar aos outros a mesma visão intuitiva, com que o artista foi previamente brindado. É através das palavras, ritmos, melodias, formas expressivas em geral, que a intuição tende a expressar-se, a reconhecer-se, a aprofundar a própria riqueza, tornando-se comum a todos²²³.

É extraordinária a capacidade de Bento da Cruz em criar universos fascinantes de autenticidade, sem sacrificar a compreensão dos diferentes leitores. Estes universos devem-se, sobretudo, à *callida junctura*²²⁴, o mesmo é dizer à “hábil junção qualificativa ou metafórica de palavras”²²⁵, quase sempre expressiva e natural:

Nos dias seguintes vigiei a curva do ventre de Carolina com olho angustiado e um garrote no peito que me provocava faltas de ar e solavancos no coração. Entretanto, à Via-Sacra, os meus suspiros tornavam-se notados pela fundura e ressonância de narinas. Paixões...²²⁶

O autor conduz-nos, com enorme perícia, a um mundo rural, cujas marcas de simplicidade nos são transmitidas numa linguagem estilisticamente rica, como é o caso do narrador/protagonista de *Planalto de Gostofrio*, neste relato de uma lide de bois, a que na região se dá o nome de “chega” e é o desporto favorito:

Mas de novo os olhos se me secaram: num golpe feliz, o diabo negro apanha o nosso de cachaceira e dá-lhe uma investida de vai ou racha, a matar. De tal jeito que os de Montagreste cresceram em massa em alor de vitória e de ponto final. Mas o Pai e o Tio, lestos, pularam à frente, guardando-se as costas, em varimenta. (...) À espera de poder fugir, a coberto da galha inimiga? (...) Nisto sou apanhado por um refluxo de povo. Procuro fincar-me, resistir. Rainha das Virgens! Na clareira de súbito cavada à minha frente, reaparece o diabo negro às arrecuas, cauda suja, fole em ritmo *in extremis*, sangue pelas agulhas e pelas ventas, cascos escorregadios, a toque de hastes do almalho

²²³ Cf. Mendes João, *A Estética Literária*, Editorial Verbo, 1982, p. 59.

²²⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, Prefácio de Óscar Lopes, ed. cit., p. VI.

²²⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, Prefácio de Óscar Lopes, ed. cit., p. VI.

²²⁶ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 279.

loiro, agora sim! Orlando furioso, acha de armas brandida a quatro patas, cornos ambos, (...) Fui na enxurrada. Vi o diabo negro dar o cu às pontas e às de vila-diogo. Vi o Pai a interpor o Lodão. (...) Um Golias deles malmencarou, encolhi-me, davidezinho²²⁷.

Esta passagem, toda ela expressiva, está repleta de um léxico, de uma sintaxe e de uma estilística recolhidos “*in loco*, pela fiel outiva infantil do autor”²²⁸. A linguagem seria vazia e inútil se não nos comunicasse o mundo.

Nos romances, objecto do nosso estudo, os narradores revelam-se profundamente conhecedores do povo que retratam, o que explica a transcrição fiel da fala e de expressões características daquela gente:

- Isso é um mão de aranhas! Até agora, só nos tem dado sustos. Mas qualquer dia dá-nos algum desgosto... - dizia o Pai, decerto relembando tristes aventuras minhas: acorrer aos meus gritos de aflição no ermo e depararem-se-lhe as vacas apostas ambas do mesmo lado do chedeiro, a *Formosa* meio esganada pelo pino atravessado na cachaceira; súbito alarido na rua, e eis à porta a junta só com chedas a rastos – o rodeiro ficara pelo caminho, enquanto eu fora do mundo, olhos presos no primeiro avião que varou o azul da minha infância²²⁹.

No entanto, alguns, talvez de forma preconceituosa, consideram que o homem do interior do país e, mais concretamente, o do meio rural fala de forma errada e que, quando registada na escrita, é retirada qualidade estilística à obra e ao seu autor.

Bento da Cruz, na nossa perspectiva, pode não ter evitado essa crítica, mas baniu, certamente, a ruptura entre o meio retratado (contexto económico-social) e a fala das personagens. Partilhando a opinião de David Mourão-Ferreira, não consideramos haver fronteiras no grande “reino das palavras”²³⁰. O mesmo autor, parafraseando Afonso Lopes Vieira, diz-nos que nunca admirou uma catedral sem se lembrar de que eram feitas da mesma pedra dos

²²⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 181 e 182.

²²⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, Prefácio de Óscar Lopes, p. VI.

²²⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp.80 e 81.

²³⁰ Mourão-Ferreira, *Tópicos de Crítica e de História Literária, Ensaios Contemporâneos*, União Gráfica, 1969, p. 230.

degraus mais humildes e concluía que “as palavras são como as pedras: o espírito é que as lava”²³¹.

Esta presença de espírito, vemo-la nos diálogos das personagens, carregados de autenticidade:

Tanto homem criei, para não ter nenhum...

Irmãos, filhos, sobrinhos, todos haviam desaparecido no caminho da emigração ou da eternidade. (...) Quando a Grande o repreendia, o rapaz ameaçava:

- Deixe-me ir para a tropa que nunca mais cá volto...

- Vai, diabo, qu'inda hás-de chegar a cornel...

O certo é que o valdevinos cumpriu a palavra: foi para a vida militar e nunca mais voltou. Mas volta galharda ao rego.

Cortada a última perneira, o rancho entregou-se à embriagues da vitória: concertina, bombo, pandeireta, castanholas, na maior alegria deste mundo. Vozes em plenos pulmões, ramo hasteado, Pai à frente...²³².

Não faria qualquer sentido dotar as falas das personagens de uma linguagem estranha ao meio sociocultural. Ele até poderia escrever num registo diferente, mas, de certeza, que as suas personagens falariam de forma equívoca e confusa, o que soaria de forma estranha. É o próprio narrador de *Planalto de Gostofrio*, no presente da escrita, que nos alerta para esse facto, quando tenta encontrar os vocábulos certos para descrever a curiosidade que sentiu quando presenciou:

a bezerra e o touro nas benquerenças da cobrição. Líbido, amor, beleza: onde encontrarei a palavra? De sexo não gosto e Eros é requintado de mais para o que se passa em Gostofrio. No luminoso recordar me acito. Na saudade dos dias de encantamento em que os meus deslumbrados olhos captavam da vida apenas a cor dominante: os jogos eróticos entre eles e elas.

²³¹ Mourão-Ferreira, *Tópicos de Crítica e de História Literária, Ensaios Contemporâneos*, ed. cit., pp. 227-228.)

²³² Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 258.

A conquista da fêmea. Para isso é que os homens e bichos andavam neste mundo. Para a sedução. Para o amor²³³.

É ainda o narrador que modera, agora no presente, o modo como deve dar-nos conta das suas emoções e atitudes:

Pastor pastorinho de apenas três cabeças, eu purgava nostalgia das quinze vacas e uma égua do tempo do bisavô. Com uma falange de trinta cornos à frente, qualquer um pode armar em rei Filipe e vencer os Gregos, dizia eu para mim – por outras palavras, claro²³⁴.

Em *Planalto de Gostofrio*, as personagens utilizam uma linguagem vernácula, tal e qual como os barroões a usam, fruto da experiência do seu autor, o que lhes incute a autenticidade até ao mais ínfimo pormenor.

Neste sentido, é preciso sublinhar que o conceito experiência, na época em que vivemos, já não é visto como algo fundamental. A rapidez das mudanças e as inúmeras interferências da vida contemporânea tendem a diminuir ou a anular qualquer tipo de experiência. As experiências morais e estéticas, religiosas e económicas são dominadas por novas e permanentes vivências. Hoje a existência humana tem dificuldade em se tornar experiência genuína e a pobreza da experiência actual já foi denunciada por Walter Benjamin, em 1933, quando a considerou empobrecida²³⁵, quase “em vias de desaparecimento”²³⁶.

Não podemos negar à obra de Bento da Cruz uma singularidade absoluta, que nos possibilita estabelecer a nossa identidade cultural, concebendo a acção das suas narrativas numa região exemplar, onde os costumes e as tradições dos seus habitantes são retratados, resumindo-se na figuração de uma ideologia apoiada no retorno à memória local, atestando a continuidade de regras de comportamento, privadas e comunitárias:

Segunda, sol-nado, o Pai encheu cabaça e pipo (porque a ceifa quer-se com sol, a malhada com sol e vinho), subiu à meda e

²³³ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 172.

²³⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 191.

²³⁵ Cf. Benjamin, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política*, Obras Escolhidas, Volume I, Editora Brasiliense, p. 198

²³⁶ Benjamin, Walter, *Rua de Sentido Único e Infância em Berlim, por volta de 1900*, Introdução de Susan Sontag, Relógio D' Água, 1992, p. 31.

gritou: «À eii... ra!» E imediatamente começaram a aparecer os vizinhos de malhos às costas, pírtingo em descanso, correias oleadas a banha de porco. Vinham em peso ganhar (ou tornar) o dia aos Marinheiros, homens que, por bons malhadores, eram cobiçados em todas as eiras. (...) Precisamente quando a meda chega à cruz e os usos e costumes exigem do cabeça-de-casal vinho pronto, sob pena de prisão e lençol, tive um desgosto²³⁷.

Observando a linguagem de Bento da Cruz, notamos que não pode ser denominada de menor, digna de menosprezo, mas de algo diferente, ante a preocupação do autor em ser fiel às raízes e ir ao encontro da realidade local e do carácter das suas personagens, facto que contribui para o enriquecimento e a renovação da língua portuguesa.

Quando teve de abandonar a Casa Grande, ainda no reinado da avó Júlia, o Pai viu-se reduzido à legítima paterna, cujos lameiros não davam para manter um burro. Por isso, foi obrigado a arrendar as Lamas do Povo para as vacas. Mas como não tivesse dinheiro, (...) os mordomos converteram-lhe o rendo em metros feitos na mina de Entre-as-Eiras. E como o dia lhe fosse necessário à lavoura, minava de noite, à luz do lampião. Altas horas, a mãe sacudia-me:

- Ó Toninho, acorda! Vamos ver se teria acontecido alguma coisa ao teu pai, filho!

Subíamos a rua fugindo às sombras, agarradinhos um ao outro, cheios de medo. Geralmente ouviam-se, à distância, os surdos golpes da picareta por debaixo da terra²³⁸.

Tal como todas as grandes obras literárias, também os romances de Bento da Cruz expressam o sentido ético de tudo o que está ligado ao humano.

É do conhecimento geral que, ao longo dos tempos, se enfrentaram algumas dificuldades na criação literária, nomeadamente no plano vocabular. Como descrever a fala do homem do meio rural? Com o léxico culto, próprio dos autores, ou a fala simples, própria das gentes que retrata? Ou, ainda, a

²³⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 306.

²³⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 15.

coexistência de ambos? Como resposta, surgiram críticas contundentes que diminuiram e enfraqueceram a escrita designada regionalista.

Bento da Cruz, através do seu renovado léxico, revitalizou, de certa forma, a literatura de cariz regional. O autor atribui um enorme valor à linguagem, mas não a sujeita simplesmente à tirania da gramática nem à dos dicionários dos outros. Acima de tudo, este escritor concebe a linguagem como um reflexo da honestidade, através do uso da linguagem oral e dos regionalismos lexicais e sintáticos.

Perante isto, parece-nos que o regional é ainda um reduto privilegiado da experiência. Enquanto domínio de acções humanas de grupos ou de comunidades, ainda conserva traços dessa experiência nas características locais da linguagem e de um modo mais ou menos explícito nas manifestações literárias.

É sabido que o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto alguns vocábulos e expressões envelhecem, se tornam, por vezes, inexpressivos (pelo uso prolongado) e tendem a perder o seu significado original, cabe ao escritor revitalizar a linguagem, usando outras unidades lexicais criadas pelos falantes de uma comunidade linguística.

É este trabalho de revitalização da língua portuguesa e do sentido do local que presenciamos na obra de Bento da Cruz. Com ele o mundo é reinventado a partir de manifestações verbais, utilizando um léxico particular e inovador. O neologismo e as construções linguísticas de sabor popular surgem de forma espontânea e natural, denotando um alto apreço pelo léxico como faculdade da alma, em criações como: “revirafintas”²³⁹, “pimbercos”²⁴⁰, “esfoliparem-se”²⁴¹, “corniconcorrentes”²⁴².

Também as variações diatópica e diastrática de “falar de Barroso”²⁴³ como “vezeira”²⁴⁴, “aziúme”²⁴⁵, “cizânia”²⁴⁶, “tundi-lo”²⁴⁷, “combradoiro”²⁴⁸,

²³⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 160

²⁴⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 142.

²⁴¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 170.

²⁴² Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 174.

²⁴³ Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso, O Homem e a Linguagem, Fonética e Léxico*, João Azevedo Editor, 2002, p.43 (“O falar de Barroso inclui-se nos actuais e sincrónicos dialectos transmontanos e alto-minhotos, vivos na boca e na alma do povo” e p. 265 “o subdialecto transmontano e alto-minhoto que denominamos por falar de Barroso apresenta identidade e contraste dentro da sua personalidade própria.”).

“búzio”²⁴⁹, “olvidei-me”²⁵⁰, “cabaneiros”²⁵¹, “calhelha”²⁵² que mantiveram o significante e alteraram o significado, são recorrentes nestas obras.

Este falar de Barroso, vivo na boca e na alma do povo, não pode, nem deve desaparecer pois, relacionando os aspectos lexicais e fonológicos com os etnográficos e antropológicos, preserva-se o património cultural e avivam-se as raízes profundas da identidade²⁵³.

Aos lermos a obra de Bento da Cruz, percebemos que o pano de fundo e o material fundamental de sua construção literária é a vida do barrosão e a procura da melodia e da sonoridade, próprias do ser humano:

À palavra berrialho ressuscitei de vez. (...) dezenas de vacas a esfoliparem-se mutuamente num terramoto de orneios, mugidos, apitos, estralejar de cornos, batuque de cascos (...) que atroava por longe, punha a aldeia em polvorosa, homens e mulheres em lamentações, crianças em choro – fim de mundo²⁵⁴.

Sendo assim, nenhum de seus neologismos foi criado do nada e para nada, mas a partir da matriz que é a própria linguagem humana. A forma popular e espontânea de dizer as coisas, tudo isso é cuidadosamente absorvido e reelaborado em passagens como:

²⁴⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 15. (Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, ed. cit., p. 561 – “Rebanho de cabras e ovelhas pertencente a um povo ou parte dele pastoreado por um indivíduo pago por todos os donos do gado ou à vez”)

²⁴⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 17. (Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, ed. cit., p. 330 – “Muito fumo na cozinha”)

²⁴⁶ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 20. (Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, ed. cit., p. 384 – “Irritação, nervos, raiva, grande vontade.”)

²⁴⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, p. 20. (Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, ed. cit., p. 556 – “Tundir- Bater, castigar, dar uma tarefa.”)

²⁴⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 24. (Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, ed. cit., p. 387 – “Caminho no topo dos lameiros, junto a um rego de vários utentes”)

²⁴⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 41. (Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, ed. cit., p. 348 – “Moribundo”)

²⁵⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 43. (Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, ed. cit., p. 477 – “Esquecer, esquecer-se”)

²⁵¹ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit. p. 64. (Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, ed. cit., p. 350 – “Jornaleiros. Classe de agricultores mais pobres que apenas possuem uma humilde casa, um porco e um pequeno galinheiro. Vendem a sua força de trabalho à jorna. São, a seguir aos pedintes, as pessoas mais pobres do Barroso.”)

²⁵² Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit. p. 64. (Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, ed. cit., p. 356 – “Quelha. Carreiro, caminho estreito.”)

²⁵³ Cf. Guimarães, Rui Dias, *O Falar de Barroso*, O Homem e a Linguagem, ed. cit., p. 43.

²⁵⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 170-171.

...queres chegar as bezerras fulão?: desafiando todos, colhendo bandeiras. Até que um dia, na Veiga, me saiu a porca mal capada. Com o Picães, o figadal.

- Queres uma briga, rabete? (...)

- No rabete levas tu ... - todo num arrufo de garnizé, para quem me recresci galo:

- Dou-te uma que...

Na Veiga, lama logradouro comum onde os de menos pastos enganavam o gado a maior parte das horas²⁵⁵.

Longe de ser um obstáculo, a simplicidade da fala das personagens transmite, na sua naturalidade, um grau de veracidade à narrativa.

Detecta-se em Bento da Cruz, a partir da palavra e na recriação do léxico do falante transmontano, a busca pela verdade e pela identidade. Sendo conhecedor da construção da língua portuguesa, adquire a capacidade de inverter a sintaxe, romper os limites da língua, mas sempre dentro das regras que ela mesmo impõe.

Não temos dúvidas de que Bento da Cruz, como todos os bons conhecedores da língua, sabe que quanto mais a conhecemos e a dominamos, maior é a liberdade que ela nos concede.

É sabido que a língua padrão foi, sensivelmente, até o início do século XX, a base da literatura ocidental em geral e da portuguesa em particular. Mesmo que o escritor tivesse a liberdade de inventar sons, palavras, sintaxes e sentidos inovadores, não era habitual a aproximação a uma variedade da fala menos prestigiada da língua, salvo quando a intenção era de atingir o cómico, no sentido de depreciar os respectivos falantes.

Evelina Verdelho, no seu trabalho *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, em nota de rodapé, diz que Aquilino Ribeiro se apercebeu que subjacentes à classificação de literatura regionalista estavam considerações depreciativas. Além disso, citando Amorim Girão, contraria a opinião de alguns estudiosos que entendem haver homogeneidade linguística e social no nosso país para, assim, justificarem a inexistência da escola regionalista dentro de fronteiras:

²⁵⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 169.

A distinção no nosso país dá-se desde tempos remotos, de diversas províncias, onde, cada uma delas, corresponde a uma fracção territorial habitada por populações com identidade de cultura, usos e costumes, caracteres linguísticos, ou pelo menos formas de pronúncia especiais, além de um sem número doutras características que lhes são próprias²⁵⁶.

Acrescenta, a este propósito, que no panorama linguístico, observável no território português, se é certo que há apenas uma “língua única”, como afirma Aquilino, também é verdade que de norte a sul, coexistindo com essa unidade linguística, há uma evidente diversidade. É esta diversidade que a obra de Bento da Cruz nos expõe exemplarmente.

Os desvios, que atrás focámos, aparecem prioritariamente na voz das personagens, enquanto na narrativa, propriamente dita, (escrita na terceira pessoa, em *O Lobo Guerrilheiro*, e na primeira em *Planalto de Gostofrio*) predominam as variedades culta e padrão, ainda que, principalmente no último, o narrador, simultaneamente protagonista, narre a sua própria história e a dos que conviveram consigo na infância, incorporando no discurso, o ritmo e as expressões próprios da oralidade e do registo popular. Quanto a nós, esta estrutura não quebra a dinâmica das vozes das personagens, torna menos notória essa diferenciação linguística e cria um efeito de continuidade. Além disso, Bento da Cruz possui o engenho de conseguir, na mistura natural e espontânea das variedades, a aproximação despreconceituosa das cosmovisões regional/rural e culta, de tal maneira que a segunda, normalmente convencida da sua superioridade, tende a reconhecer, ainda que implicitamente, o muito que tem a aprender com a primeira. É necessário referir que o uso constante da técnica do discurso indirecto livre contribui, em muito, para a continuidade, acima referida.

Tal efeito de aproximação entre a variedade culta e a regional é, frequentemente, bem realizado no plano do narrador, pois a norma culta mantém-se, absorvendo nela a fala regional. Há, portanto, a orientação estética nesta oscilação. A escrita correcta, do ponto de vista da gramática normativa,

²⁵⁶ Girão, Amorim, (1.ª edição do *Esboço de uma carta regional de Portugal – 1928-30*) cit. in. Verdelho, Evelina, *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1982, p. 219.

prevalece e o escritor não necessita de se desviar em demasia da tradição literária. Dito de outra maneira, apesar de os diálogos se aproximarem ao máximo da fala daquela região, permanece a diferença de registo com a voz narrativa, ainda que esta última englobe alguns aspectos do registo popular.

– Ainda te queria ver isso, minha vaca velha! – E disparei-lhe uma pedra com mira a rasar-lhe as cabeças, mas a pontaria saiu-me baixa e atingi a canastra da frente, que adornou. (...) Arriaram a carga e deram em mim com pedras mais vastas do que granizo e palavrões mais vastos do que as pedras, encosta arriba, saias arrepanhadas para cima dos joelhos, grifos ao vento. E eu a rir-me por me lembrar do quanto Carolina se devia rir por detrás da parede, e levando as peixeiras, com avanços e recuos, sortidas e evasivas, pedra vai pedra vem, insultos cruzados, para trás do alto. (...) Donde, cálculo feito, bati em fuga em linha recta. (...) a mais velha, com os bofes de fora, a chamou²⁵⁷.

É fundamental a enorme percepção que Bento da Cruz possui na tentativa de apreender o universo cultural do homem do meio rural, a formação literária e linguística, imprescindível para fazer literatura, e o contacto directo com o meio social acerca do qual se fala. Esse saber chega até nós pelo narrador que avoca um discurso repleto de metáforas, sinestésias, hipérbolos, eufemismos, diminutivos, aumentativos, contrastes semânticos e diálogos muito vivos:

Gostofrio (...) ainda me lembro dela de tamancos e burel, (...) já a avó Júlia fora desta para melhor e com ela o amargo cafezinho da manhã cujo açúcar a priminha me surripiava. É um dos quadros mais fundos e escuros do meu sótão, esse da morte a grasnar encavalitada na garganta da avó Júlia (...) Mas que importam datas? Aliás, toda a gente percebe que a avó morreu e eu nasci no segundo quartel deste século. (...) a primeira vez que voltei à Casa Grande foi para me despedir do Padrinho (...) Passado um minuto, se tanto, o Padrinho sai pelas escaleiras da eira e a Tia Lúcia escancara a janela do Sobrado Velho, a gritar como quem a mata (...) As Suratás eram nossas vizinhas de porta da casaloça

²⁵⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 102-103.

de empréstimo onde o Pai recolheu a família quando os irmãos o puseram fora da Casa Grande, ainda em vida da avó Júlia. Morávamos então num beco de volta para trás formado a norte por uma ala térrea de colmo (...). A Surata nova tinha uma língua de alto lá com ela, (...) A Grande, um mulherão de força de trabalho, só muito provocada. A Mouca e a Letícia, sempre no monte (...) quanto à Surata Velha, tomara ela paz, andava sempre doente dos olhos. (...)

Eu lembrava-me das agridoceas maçãs indígenas que a velha guardava até muito tarde, pendentes em cacho do forro da casa de limpo, noutra rua, e fazia imediatamente água na boca²⁵⁸.

A utilização de diminutivos – *cafezinho, priminha* –, somado às hipérboles – *a gritar como quem a mata* –, aos eufemismos – *fora desta para melhor* –, às metáforas – *é um dos quadros mais fundos do meu sótão* –, sinestésias – *agridoceas maçãs indígenas que a velha guardava pendentes em cacho (...) fazia imediatamente água na boca* – e a outros recursos da linguagem, põe o valor semântico das palavras ao serviço da construção das personagens, dos espaços e das situações.

Vejamos, por exemplo, o uso muito próprio de latinismos, de interjeições, de vocábulos de sabor popular, todos em perfeita harmonia e integrados no discurso (indirecto livre) e servindo o objectivo de criticar, de forma irónica, alguns estratos da sociedade que retrata. É esta perícia de trabalhar a língua que garante a riqueza estilística de que falamos:

Vendo e ouvindo o que, na minha tristeza de mineiro forçado não contive um pensamento de protesto, que hoje posso traduzir, mais ou menos à letra por estas palavras: com que então, cá o Pataquinha, para ir à festa das Boticas, uns bons trinta quilómetros ida e volta, é *pedibos calcântibos* – e graças ao Catano se me deixarem... E os padrequinhas, para irem à Senhora das Neves, ali a dois passos da vila, já não dispensam os cavalos, hein? Ai os reverendos marialvas! Estou a ver: donzelas e donzéis em alegre burricada, farnel bem fornido, madrigais à viola, galanteios à orelha... Sim, Senhor! Ah, mula de Cascais

²⁵⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. pp. 5-9.

convosco... Chamava-se *Cuca* a mula do Cascais. O bicho mais refinado que vi em toda a minha vida²⁵⁹.

OU:

Que ninguém fique a pensar que minha prima aprendeu a dizer corrigível na escola de S. Bento. Não, senhora. Com D. Clorinda não se aprendia nada fora dos livros. Era beber *ipsis verbis* o que lá vinha e despejar *ipsorum verborum* o que nos ficasse²⁶⁰.

Os seus romances, pela estrutura, pelo ritmo, pelo tipo de construção frásica, pelas palavras e expressões, pelo espírito e estilo, são elaborados e construídos com observância cuidadosa da estrutura de pensamento e de cultura do homem do meio regional/rural.

A linguagem que Bento da Cruz cria cumpre, assim, a função de significar o mundo.

Naturalmente que isto obriga muita gente a mudar os seus hábitos mentais e, sobretudo, obriga as pessoas “cultas” a entrar no universo das camadas mais pobres, analfabetas, trabalhadoras e marginalizadas do Portugal rural – o povo (de inegável sustentabilidade, das nossas glórias, ao longo dos tempos).

A escrita de Bento da Cruz pode, aparentemente, conter algumas dificuldades de leitura, em grande parte proveniente da recorrência desta linguagem, fruto de uma rigorosa selecção do vocabulário, com base num conhecimento fora do comum de lexemas, especialmente usados na região retratada, e de abundantes construções de saber popular: substantivos comuns, (“apeiro”, “molhelhas”, “sogas” “gabela”²⁶¹, “Calhelha”, “corgato”²⁶²), articuladores do discurso, pouco vulgares, (“adaí”²⁶³, “Emmentes”²⁶⁴ “entrementes”²⁶⁵), usos arcaicos dialectais de pronomes relativos, (“Avancei a modos, não fosse o caso que.”²⁶⁶), junções metafóricas das palavras

²⁵⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 301

²⁶⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 188.

²⁶¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 79.

²⁶² Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 82.

²⁶³ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 132.

²⁶⁴ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 107.

²⁶⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 321.

²⁶⁶ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 259.

(à sombra dum castanheiro dei a primeira estocada ao pipo, e à dum carvalho a segunda. De modo que ao chegar à terra da Portela a vasilha chocaleava e eu torcia a rodeira. Mas ninguém deu pela ratada. Seriam nove horas, meia manhã, meia seara. Sol de porta de fornalha aberta na cara da gente²⁶⁷).

O provável distanciamento ou possíveis dificuldades de entendimento de alguns leitores menos prevenidos em relação a esse mundo, pode ocasionalmente verificar-se quando o autor projecta o desencadear da acção nesse “Planalto da Terra Fria, muito idílico, no sentido etimológico”²⁶⁸ e onde a lenda se revela ainda de maneira idêntica.

Não restam dúvidas de que Bento da Cruz tem plena consciência da funcionalidade da língua e do domínio da componente lexical, procurando enquadrá-la e modelizá-la naquele mundo, rico e exuberante a esse nível, de forma coesa e lógica, nunca pondo, por isso, a inteligibilidade contextual em causa. Também no pormenor da identificação e caracterização da fala das personagens, sobressai o cuidado concedido na selecção da linguagem. As manifestações singulares da literatura oral, tanto de provérbios como crenças, foram utilizadas e contextualizadas, de forma natural e engenhosa. Assim, este uso remete para o dia-a-dia do povo de Barroso e caracteriza não só o seu “*modus vivendi*” como também o mundo ancestral de transmissão de um saber colectivo, quase sempre por via oral:

- Que há coisas, há...

- Uma luz de que os antigos falavam muito era uma que à meia-noite saía da Senhora das Treburas, passava pela nossa igreja, pela da Gralheira, por S. Domingos, desaparecendo na serra a caminho de S. Salvador do Mundo. (...)

- Estais a ver?

Estávamos: uma luzinha vagante na corrente da noite, Estrela Polar à flor da Terra, floco de neve aceso na escuridão. De chofre, perdemos a fala. Alguns teriam, como eu tive, sentido frio na espinha do lombo. (...)

- Aí vem!

- Quem se atreve?

²⁶⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 242.

²⁶⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, Prefácio de Óscar Lopes, ed.cit., p. II.

Silêncio de palavras e gestos. Quem? Para vivo, um boi, um lobo, não faltam valentes. Mas um morto? Quem? Quem tem cu tem medo. E vergonha vã de o ter²⁶⁹.

Esta característica permite-nos perceber como a linguagem constitui um elemento expressivo e estruturante da obra em estudo. A fala das personagens reflecte a sua alma como espelho fiel, havendo a analogia íntima entre a linguagem e a psicologia das personagens.

A obra deste autor, para além de expor uma linguagem de cuidadoso apuro formal e um lirismo muito humano, a par da vida dura das personagens, adopta princípios estéticos e uma estratégia comunicativa (que lhe imprime singularidade estilística).

As metáforas e as imagens, expressivas e devidamente contextualizadas, abundam em toda a obra. É o caso desta onde se percebe um despertar inquieto, desnorteado e desajeitado da libido:

Nos meus sonhos de Casanova imberbe, nenhuma rapariga de Gostofrio me escapou...

Em sonhos... que na realidade, quão diferente...A respeito de moças, cá o Pataquinha, por essa altura, era um caçador de pássaros que não sabia armar a esparrela a uma lavadisca.

Mas aconteceu que, num dia de núpcias de grilos e primaveras, Carolina, a meu pedido, se deitou no feno sem esconder o rosto e eu fiz o que pude, que não foi nada. Estava já esgotado de forças e coberto de suor quando ela me repeliu de cima:

- Oh, Toninho, tu não sabes...²⁷⁰

Esta observação de Carolina, que “é de uma finura instintiva, de uma desinibição radical que varre todas as teias de aranha, devotas, supersticiosas ou convencionais familiares, suas ou do companheiro”²⁷¹, e o facto de a puberdade dela se lhe antecipar, faz com que ele interiorize a humilhação e perceba que não pode ainda atender aos desejos da prima e sinta a

²⁶⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp. 96-97.

²⁷⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 292.

²⁷¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, Prefácio de Óscar Lopes, ed. cit., p. III.

necessidade de “ «arranjar mestra...» Tendo falhado o namoro à Letícia, [assestou os seus] cálculos à Rute ”²⁷²:

Ela a querer-me tirar as calças, eu em negaças de resistência fingida, quando, só pelo diabo, nos rebenta aos pés o riso espirrado de bode que assalta rebanho alheio. Eu assustei-me, e ela ofendeu-se: rais-o-partam, cheiracus duma figa...Era o Benjamim (...) com uma cara eriçada de espinhas bravas e a linguagem de vocábulos fadistas:

Que estar a Rute a aquecer o forno com um lareiro do tamanho do meu era sujeitar-se ao desgosto de lhe sair o pão azedo... Se ela quisesse, o amorzinho, esclareir uma fornada com o dele, veria que altura e gosto de cacete...²⁷³.

Bento da Cruz reaviva imagens e traz-nos quadros de inquietas e mal definidas pulsões eróticas da pré-puberdade e puberdade. Numa delas o protagonista defronta-se com rivais mais desenvolvidos fisicamente e, por isso, mais desembaraçados em assuntos de sexo²⁷⁴. A aprendizagem do “pequeno zagal”, como lhe chama Óscar Lopes é, por demais, evidente:

... fui compreendendo que há um falar e dois entenderes. Aliás, a Grande do Melro, que só por raiva à madreabadessa, encorajava o meu amor de perdição pela prima, alumiou a minha inteligência com esta imagem de capoeira:

- Estás na idade em que os frangos mudam a pena e deitam crista e nada há que os farte...²⁷⁵.

As imagens sucedem-se, nos dois romances, surpreendendo-nos a permanência de um ambiente rural, diluído em lirismo:

A meio do sono, ouviu uma sinfonia dulcíssima de campainhas. Julgou-se morto, chegado às portas do paraíso e recebido pela chamela de anjos. Mas não. Era a vezeira de Sabuzedo que subia o vale, pálpebras a meia haste, Lobo calculou, por alto, o número de cabeças²⁷⁶.

²⁷² Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 292.

²⁷³ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 293.

²⁷⁴ Cf. Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, Prefácio de Óscar Lopes, p. I.

²⁷⁵ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 289.

²⁷⁶ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., p. 272

A coloquialidade é outro recurso que imprime uma enorme vivacidade à narrativa: (“- Oh, graças a Deus que já i vem!”²⁷⁷, “Oh, Irene, ai, Jesus, que vergonha, mulher, cala-te!”²⁷⁸). As expressões e imagens, que contêm uma forte carga emocional (não deixando de conter uma certa hiperbolização), dão-nos conta da admiração e do amor incondicional que o protagonista sustenta por algumas personagens, neste caso concreto pelo Pai:

Aqui o Pai entregou-me a vara do comando e eu vivi a eternidade num minuto ... por entre o pau e o chedeiro, eu via o Pai de ombro fincado na roda, mãos em garra na cantela, todo o azul dos olhos fito em mim, testa enrugada horizontalmente, guias do bigode assimétricas pela crispação do rosto. Comecei a tremer. (...) Na calma aparente da voz do Pai vibravam fios de navalha. (...)

- Toma atenção, filho! Coloca a aguilhada, com jeito, por cima do jugo. Isso. Quando eu disser, ferra bem a Castanha. Está pronto, compadre? Ó Milagrete, cuidado, que o pau pode torcer para a direita. Atenção! Um, dois, três: Eiii!

Rainha das Virgens! Se o mundo fosse mãe, eu diria que ele parira naquele instante. Houve um dilacerar de entranhas, um ranger de dentes, um urro de tremor de terra. (...) O Pai veio à frente, passou-me, em silêncio, repetidas vezes, a mão pela grenha²⁷⁹.

Há ainda passagens que contêm expressões que nos mostram a religiosidade do povo e a preservação das tradições:

Mães que não resistissem ao prazer de vestir os filhos de anjinhos, tinham de os levar longe, à Senhora da Saúde, de Galegos, das Treburas, da Livração, ao S. Mateus, S. Domingos, S. Salvador do Mundo. Nunca tive a alegria de ir de anjinho. Mas posso gabar-me de ter sido um dos cruzados de mais peito na festa de S. Bento, nossa igreja paroquial. (...) nenhuma inconveniência a deteve enquanto não nos plantou diante do Sr. Bispo. Por todos os anjos e arcanjos: julguei ver o meu Deus face a face. De cuja relampejante potestade minha fraqueza se

²⁷⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 163.

²⁷⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 70.

²⁷⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 261.

defendeu, despejando para ali atabalhoadamente o catecismo todo²⁸⁰.

Paradoxalmente, outras remetem-nos para o anticlericalismo, mais ou menos, implícito do autor, onde se denuncia o comportamento, “ de um modo perfeitamente aquilino ou vicentino”²⁸¹, dos representantes da igreja:

Segundo os usos e costumes, no dia seguinte a aldeia guardou dia santo e os vizinhos ficaram à disposição da família Lobo. (...) Do Padre Elias veio a indicação de que o enterro era de oito abades e ofícios inteiros. Indicou ainda a hora do funeral e a ementa do banquete dos reverendos. Balbina leu: “Aperitivo de fatias de presunto, rodelas de salpicão, bolinhos de bacalhau, (...) Caldo verde com toras de chouriça; pão canteio e manteiga caseira; trutas com presunto e batatas cozidas; (...) Cozido à portuguesa com pernil, orelheira, chispe, frango e vitela; (...); vinho maduro, branco e tinto; letria, formigos, rabanadas, mel; (...) café e aguardente.

- Está tudo muito bem... Mas as trutas?

- Trutas?

- Sim, homem! Acorda! Onde vamos nós arranjar as trutas para oito padres em tempo de defeso?

- Dá-lhes merda... Não basta a nossa dor... se não, ainda por cima, sermos obrigados, num dia destes, a encher o bandulho a esses papa-hóstias...

- Toda a gente dá de comer aos padres, André!

- Mas não devia dar...²⁸²

e outras para o ditado popular, sempre a rondar a ironia e o humor:

Em pequenos todo são espertos... Pelos 18, o mais tardar aos 20, é que se fazem tolos...²⁸³,

Padre Elias dizia, em tom de laracha equívoca:

- No Barroso, a riqueza de cada um avalia-se pelo número de cornos...

²⁸⁰ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 68.

²⁸¹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, Prefácio de Óscar Lopes, ed. cit. p. IV.

²⁸² Cruz, Bento da, *O Lobo Guerreiro*, ed. cit., pp. 110-111.

²⁸³ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 55.

Por esta avaliação, o Cipriano era o mais cornudo – salvo seja. Bastava somar os trinta das vacas aos mil das cabras e carneiros, afora as ovelhas corníferas, do numeroso rebanho²⁸⁴.

Parece ser, então, intenção de Bento da Cruz registrar a linguagem vernácula e original, para reconstituir, integralmente, a vivência das gentes de Barroso. O autor dá às personagens (ao povo) a imagem que melhor lhe assenta, com os seus defeitos e as suas virtudes. Saliente-se que não tentou omitir os vícios e, apesar de não serem motivo de orgulho, muitas vezes, serviam para defender a honra, a terra, o vizinho, as injustiças de que eram alvo. As virtudes não suscitam quaisquer dúvidas, são autênticas e genuínas (“Os Barrosões são homens de palavra e de honra”²⁸⁵). Bento da Cruz fala de algo que conhece em profundidade, que faz parte das suas vivências e da sua formação, sabe o nome exacto das árvores, dos frutos, dos pássaros: “Após algumas horas de furão nas touças, descobri, entre urzeiras velhas, um jovem azevinho mais esbelto que a torre de David”²⁸⁶.

Outra das características da literatura de Bento da Cruz é a força das misturas sinestésicas das descrições:

Mas o monumento coliseu de Montagreste é o castelo. Quatro torres dignas e belas como as famílias coroadas dos tempos idos. Principal de todas, a torre de menagem, silhueta de claridade, (...) um degrau menos, o torreão-mor, cota de aço (...) o torreão-mendinho, rosto grave. (...) Alicerces, restos de muralhas, baluartes, fosso, (...) pompeias clamando contra os vândalos que lhe surripiaram a pedra (...)

Na torre do relógio funcionava o tempo, o observatório meteorológico. Quando o encarregado vinha dar corda ao cronómetro e ler o sol, o frio, o vento e a chuva nos instrumentos, nós subíamos com ele ao terraço. Dali se avista (...) o meu Regabão menino²⁸⁷.

²⁸⁴ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerreiro*, ed. cit., p. 40

²⁸⁵ Cruz, Bento da, *Entrevista ao Diário de Notícias*, 20 de Dezembro de 1991.

²⁸⁶ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 280.

²⁸⁷ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit. p. 216-217.

As imagens abundantes, onde os odores, os sabores, os sentidos em geral estão bem entrelaçados, permitem-nos acompanhar as contrariedades físicas e morais, o cansaço e a alegria de algumas personagens.

Talvez esta seja a chave para percebermos o eco que a ficção de Bento da Cruz encontrou dentro da estrutura geral da sociedade portuguesa. O seu *regionalismo* ainda tem o papel de acentuar as particularidades culturais que surgiram internamente, contribuindo para definir a sua outridade, ao mesmo tempo que as reinsere no seio da cultura nacional como um todo, por meio de sua temática universal. Por isso, nos dois romances, conserva intactos na memória, como fontes de referência, os aspectos do passado, que hoje se assemelham a destroços, e que contribuíram para o processo de singularização cultural de Trás-os-Montes e, conseqüentemente, de Portugal.

De facto, podemos afirmar que o *regionalismo* de Bento da Cruz se distingue dos outros porque apresenta uma visão particularizada do homem, o qual é um ser com dores, angústias, sensações, experiências universais. Tudo isto se manifesta através da fala e de uma narrativa bem estruturada, mas, ao mesmo tempo, muito ligada à sua origem.

A linguagem é rica, bela e poética. Escreve de forma límpida e sóbria, mas nunca descarta a carga emotiva da sua palavra e da sua maneira de narrar espirituosa e leve (principalmente em *Planalto de Gostofrio*):

Mas estou a ver com toda a nitidez, ao longo, no tempo, um gaio a sobrevoar os Lombos, a Veiga, o Lameiro de Baixo, alto e sereno, direito ao carvalho-mor da poula. Um primeiro período, com pauzinhos, raízes, musgos; um segundo, de asa feita; um terceiro, com cibatos de bico. Todos os dias, à mesma hora, meia manhã, mês de Abril, Maio, Junho. (...) Os verdes anos em que ainda se não sabe o que é um ninho para o relacionar com a Primavera e as flores, e as idas e vindas dum gaio com cibos no bico²⁸⁸.

A sinceridade e a naturalidade da linguagem e das situações vividas pelas personagens, criadas por Bento da Cruz, não obsta a que sentimentos complexos não possam ser retratados. O protagonista de *Planalto de Gostofrio*, na procura constante da realização sexual, quase como uma obsessão,

²⁸⁸ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., p. 153.

ultrapassa o campo meramente físico e entra no domínio existencial (a necessidade de descobertas, o indivíduo nas suas transições, nas travessias humanas, munido de segredos):

Isto, na altura, deu-me que pensar. Seria eu um abortiço, ou o Bossa um super-homem? Ou simplesmente mais bonito? Ou mais rico? Após noites e dias de cisma especulatória, desvendi o mistério: questão de espiga... O Bossa levava-me dois anos. Espigara... Comparado comigo, tinha já outra língua, outras mãos, outras nádegas... As raparigas não eram cegas: o Bossa, menino loiro, estava um homem... Ao passo que eu...

Não me saía da cabeça o provérbio da salomónica Grande do Melro: «Quando ao rapaz apontar o bigode e à rapariga a teta...»²⁸⁹.

A linguagem de Bento da Cruz, de um modo geral, dota as suas personagens de humanidade em especial Toninho e o Pai, Manuel Marinheiro, em *Planalto de Gostofrio* e André Lobo e Consuelo em *O Lobo Guerrilheiro*. Encontramos, amiúde, exemplos belíssimos do equilíbrio que Bento da Cruz estabelece entre a dimensão universal das problemáticas humana e regional e entre as do cenário e da paisagem. É o que se pode verificar nesta passagem:

Saíram lestos e silenciosos, por atalhos de sombra, Lobo na dianteira. Estava uma noite branca e fria, com a lua cheia a nascente, sobre o Larouco. (...) – Repete comigo: «Pela minha honra de homem livre, eu te recebo por minha legítima esposa, a quem juro amar e servir até que a morte nos separe.» (...) Lobo estava de novo surpreendido, mas, desta feita, era uma surpresa deveras agradável. Pegou nela ao colo, Galiza dentro.

- Vou levar-te ao colo até Paris, nem que para isso tenha de passar por cima do cadáver do Franco.

- Por cima do cadáver de todos os tiranos, meu amor. Só então seremos livres e felizes²⁹⁰.

Em Bento da Cruz, o universal não se dá tanto pela recriação das palavras e do mundo, mas, sobretudo, pelo quotidiano de situações e de

²⁸⁹ Cruz, Bento da, *Planalto de Gostofrio*, ed. cit., pp.295 – 296.

²⁹⁰ Cruz, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro*, ed. cit., pp. 326 – 329.

dimensões muito humanas e reais, ampliando o espaço e a fala que conduzem a narrativa para problemas de todos os homens. A observação da vida rural do Barroso, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de penetrar na psicologia do rústico, tudo é significado universal.

Tudo isto faz sentido se percebermos que a obra literária exprime os grandes lugares-comuns - amor, alegria, dor e morte - imprescindíveis à sobrevivência da arte.

Considerações finais

Regionalismo/Universalismo, como tema de estudo, constitui um desafio teórico, na medida em que nos defronta com questões de vária índole quer no campo da teoria, quer no da crítica e da história literárias: problemas de valor, da relação entre arte e sociedade, literatura e ciências humanas, literaturas canônicas e não canônicas e, sobretudo, os limites variáveis e instáveis entre escolas e concepções.

Estudar hoje as fronteiras entre o *regional* e o *universal* leva-nos a constatar que o primeiro se reactualiza e valoriza como reacção à chamada globalização; e que a questão regional e a defesa das particularidades locais, actualmente, se repõem em força (estão na moda, estão de volta, despertam muitos interesses...) e servem de contraponto.

O termo *regionalismo* esteve sempre envolto em conotações e visões algo preconceituosas, o que resultou, provavelmente, numa eterna insuficiência de reflexão sobre a sua especificidade. Servem de exemplo, expressões como “pitoresco”, “artificialismo”, “ausência de verdade”, “exótico”, “inverosimilhança”, “ausência de humanidade” qualificativos da representação do mundo rural e provinciano, síntese desta literatura que sempre foi vista como menor.

Estamos convencidos de que a partir do momento em que o local seja visto como modo de formar, como perspectiva sobre o mundo, a dicotomia entre *regional* e *universal* deixa de existir ou pelo menos esbate-se. Enquanto isso não acontece, o importante é perceber como o regional e o universal se complementam: a abstracção do universal supera-se no concreto do regional e o regional supera-se como concreto na generalidade do universal. Deste modo, as peculiaridades regionais alcançam uma existência que as transcende.

O conceito de regional, na obra de Bento da Cruz, possui a dimensão de apontar a particularidade dentro de uma totalidade definida, ou seja, possui características de individualidade e de universalidade, no sentido dialéctico dessas categorias. A região não se perde no sentido abstracto do universal nem se identifica puramente com o individual.

Não partilhamos da ideia recorrente de que o *regionalismo* na literatura é sinónimo de localismo redutor, de diminuição dos valores estéticos e humanos, pelo contrário, a tendência regionalista pode ser entendida como tendo a função de mediar as experiências singulares dos indivíduos e dos grupos ou das comunidades e as expressões universais da humanidade.

Na nossa opinião, e depois de analisar, em concreto, dois romances da obra de Bento da Cruz, entendemos que ela está longe daquele regionalismo classificado como estritamente pitoresco, pois não se verificam nela limitações ou provincialismos, mas sentimos que partindo do particular se encaminha para o universal. Este escritor dedica-se a ouvir e a perscrutar, através da técnica narrativa, a gente simples de Trás-os-Montes, os seus valores, as suas tradições, os seus hábitos linguísticos, a sua dimensão humana. Dito de outra maneira, não estão ausentes os problemas sociais e regionais, no entanto, a estética é elevada a um plano privilegiado e, através da especificidade intrínseca da arte literária, legitimam-se e problematizam-se os valores atemporais e universais da condição humana.

Saliente-se, neste âmbito, a linguagem que, sem deixar de ser formal, registo elevado e literária, está evitada de regionalismos que podem limitar a compreensão do texto aos leitores menos familiarizados com a identidade, a região, mas isso tem uma razão de ser: estabelecer uma coerência e correspondência entre linguagem e personagens.

Partimos do pressuposto de que as memórias de uma região não devem ser apagadas ou esquecidas, mas, sim, lembradas e revitalizadas no afã de uma identidade que, embora diferente, não deixa de revelar características comuns ao homem do mundo rural e do urbano.

Com este trabalho tentámos demonstrar que a obra deste escritor dotou a designada literatura *regional* de uma dimensão psicológica, ao atribuir às personagens uma dimensão humana/ética, elevando-as, neste ponto, a um plano universal.

Em suma, os dois romances, aqui estudados, apresentam uma cosmovisão universalista do homem simples e desvalido do meio rural e tendem a privilegiar aspectos que oscilam entre o *regional* e o *universal*. Desta forma, a obra deste autor encerra elementos que justificam a sua classificação quer como regional quer como universal.

A maior parte dos temas e das personagens que desfilam nestes dois romances, provam que estamos perante o sentido universal: a desigualdade, a fraternidade, a vida sem sentido, o instinto de matar, o instinto sexual, a luta do dia-a-dia pela sobrevivência, a morte, o amor...

Enfim, são temáticas que, independentemente de se desenvolverem de forma localizada numa zona fronteiriça, no norte de Portugal, retratam humanidade e sofrimento, bastantes para adquirirem essa dimensão mais alargada.

Pelo exposto, vê-se que a obra de Bento da Cruz supera a tradição literária do regionalismo, cuja representação é baseada na observação (empírica e documental), na descrição de personagens, de actos e de espaços semelhantes a corpos estáticos. Em Bento da Cruz, o mundo rural não é visto do exterior nem à distância, tão-pouco como objecto inanimado ou como realidade efémera e superficial. Ele é recriado e representado artisticamente como um complexo de relações sociais, dramas humanos e de elementos do imaginário.

Bento da Cruz serviu-se do género designado de *regionalista* com evidente qualidade estética, fazendo-o funcionar como um instrumento de descoberta da nossa cultura, sem negligenciar o aspecto humano e sem precisar de exaltar o pitoresco nem de tratar o homem como apenas um elemento exótico, que se dá a conhecer aos leitores das cidades, do país e do mundo.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Activa

CRUZ, Bento, *Contos de Gostofrio e Lamalonga*, Editorial notícias, s/d

CRUZ, Bento, *Guerrilheiros Antifranquistas em Trás-os-Montes*, Âncora editora, 2ª Edição, 2005 [2003].

CRUZ, Bento, *Histórias da Vermelhinha*, Editorial notícias, s/d.

CRUZ, Bento, *O Lobo Guerrilheiro*, Editorial notícias, s/d.

CRUZ, Bento, *Planalto de Gostofrio*, Editorial notícias, s/d.

CRUZ, Bento, *Prolegómenos Crónicas de Barroso*, Âncora Editora, 2ª Edição, 2008 [2007]

Bibliografia Passiva

CABRAL, Filomena, *Ruralidade e Memória*, (Texto de apresentação da obra de Bento da Cruz, durante um ciclo de palestras organizado pelo Professor Arnaldo Saraiva, na Fundação Eugénio de Andrade, em Julho de 1999).

CHAVES, António Carneiro, “Bento da Cruz”, in: *UNEARTE* – Revista da União dos Escritores e Artistas Transmontanos e Algodurienses, Ano 2, nº 18, Junho de 2003, pp. 3 a 5.

BRANCO, Vitor, *Almanaque de Lembranças Locais*, Montalegre 1941, Grandes Gráficas “Minerva”, de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão – Vila Nova de Famalicão – 1941.

CONRADO, Júlio, “ [recensão crítica a *O Lobo Guerrilheiro*, de Bento da Cruz] ” / Júlio Conrado. In: *Revista Colóquio / Letras. Recensões Críticas*, nº 140/141, Abril. 1996, p. 298 – 299.

Diário de Notícias, Domingo, 21 Fevereiro de 1993, Entrevista a Bento da Cruz, pp. 38 e 39.

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Organizado pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, Vol. V, Publicações Europa-América, 2000.

FERRIN, Xosé Luís Méndez, *Presentación de Bento da Cruz* (Texto lido na sessão de apresentação do livro *Histórias de Lana-Caprina*, em 27 de Março de 1999 na Casa Regional dos Transmontanos e Alto- Durienses do Porto.

FONTE, Barroso da, *Dicionário dos mais Ilustres Transmontanos e Alto Durienses*, Volume I, Guimarães, 1998.

Bibliografia Crítica sobre Regionalismo

BACELAR, José, *Seara Nova*, Revista de Doutrina e Crítica [Da viabilidade do romance português de interesse universal], Publicação Semanal, Lisboa, 1938 (do n.º 589 a 597).

GUIMARÃES, Rui Dias, *O Falar de Barroso, O Homem e a Linguagem, Fonética e Léxico*, João Azevedo Editor, 2002.

PIRES, Maria da Natividade Carvalho, *Pontes e Fronteiras. Da Literatura Tradicional à Literatura Contemporânea*, Coleção Universitária, nº 100, 1ª Edição, 2005.

VERDELHO, Evelina, *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1992.

Bibliografia Crítica Geral

ANGENOT, Marc, *Glossário da Crítica Contemporânea*, Tradução de Miguel Tamen, Prefácio da edição portuguesa de Maria Alzira Seixo, Editorial Comunicação, 1972 – 1979

BAUDELAIRE, Charles, *O Pintor da Vida Moderna*, posf. e [trad.] Teresa Cruz, Vega Passagens, 3.ª Edição, 2004.

- BELCHIOR, Maria de Lurdes, *Os Homens e os Livros II* (séc. XIX e XX), Verbo, Lisboa, 1980.
- BENJAMIN, Walter, *Magia e Técnica Arte e Política*, Obras Escolhidas, Editora Brasiliense, 4.^a Edição, s/d.
- BENJAMIN, Walter, *Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por Volta de 1900*, Relógio D' Água Editores, 1992, [1928].
- BORGES, Jorge Luís, *Borges Oral*, Tradução Prefácio e notas Rafael Gomes, Edições Vega, Lisboa, 1988.
- BORGES, Jorge Luís, *Novas Inquirições*, Trad. G. N. de Carvalho, Quercus, 2.^a Edição, Lisboa, 1984.
- BORNEUF, Roland e OULLET, Réal, *O Universo do Romance*, Livraria Almedina, Coimbra, 1976.
- BRAIT, Beth, *A Personagem*, Editora Ática, Série Princípios, 1985.
- Cadernos Aquilianos, nº 6, 1.^o semestre – 1998.
- CANDEIAS, Maria de Fátima, *Constantes e Variantes no Romance de Formação de Garrett a Mário Cláudio*, 1999-2001 (Texto Policopiado).
- CÂNDIDO, António, *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, 1.^o e 2.^o Volumes, 6.^a Edição, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1981.
- CÂNDIDO, António, *Literatura e Sociedade – Estudos de Teoria e História Literária*, Companhia Editora Nacional, 6.^a Edição, Brasil, 1987.
- CÂNDIDO, António; Rosenfeld, Anatol; Prado, Decio de Almeida; Gomes, Paulo Emílio Salles, *A Personagem de Ficção*, Editora Perspectiva, 1987.
- CASTRO, Ferreira de, *Terra Fria*, Guimarães Editores LDA., Lisboa, 1990 [1934].
- CHIAPPINI, Lígia, *Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 8, n.º 15,
- CHORÃO, João Bigotte, *O Escritor na Cidade*, Coleção Presenças, n.º 37, Editorial Verbo, s/d.

COELHO, Jacinto Prado, *A Originalidade da Literatura Portuguesa*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, Volume 1, 3.^a Edição, 1992.

GENETTE, Gerard, *Discurso da Narrativa*, Prefácio e Revisão de Maria Alzira Seixo, Coleção Práticas de Leitura, 1.^a Edição, 1979.

KAISER, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, Trad. Teresa Alegre, Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

LEFEBVE, Maurice-Jean, *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*, Livraria Almedina, Coimbra, 1980.

LISBOA, Eugénio, Colóquio de Letras [*A Presença e a Ficção*], n.º 38, Julho de 1977.

LONGUS, *Dáfnis e Cloé*, Traduzido por João Barreira, Edições Excelsior, Lisboa, [19...]

LOPES, Óscar, *Cifras do Tempo*, Editorial Caminho, Lisboa, 1990.

LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, 2.^a edição, Coleção Autores de Língua Portuguesa, Publicações Dom Quixote, 1982.

MENDES, João, *Estética Literária*, Editorial Verbo, 1982.

MENDES, João, *Literatura Portuguesa IV*, 2.^a Edição, Editorial Verbo, Lisboa, 1983.

MOISÉS, Massaud, *As Estéticas Literárias em Portugal*, Volume III, Séc. XX, Estudos da Literatura Portuguesa, Editorial Caminho, 2002.

LOURÃO – FERREIRA, David, *Portugal, a Terra e o Homem* (Antologia), II Volume – 1.^a série, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

LOURÃO – FERREIRA, *Tópicos de Crítica e de História Literária – Ensaios Contemporâneas*, União Gráfica, Lisboa, 1969.

NEMÉSIO, Vitorino, *Romance, Existência e Visão do Mundo*, Conferências – O Romance Contemporâneo - Sociedade Portuguesa de Escritores, Lisboa, 1964.

NETO, João Cabral de Melo, Entrevista a Marques Gastão, in: *Diário de Lisboa*, Lisboa, 3 de Maio de 1958.

PASCOAES, Teixeira, *A Arte de Ser Português*, Assírio e Alvim, 3.^a Edição, 1998.

REIS, Carlos, *Dicionário de Narratologia*, Livraria Almedina, 1987.

REIS, Carlos, *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português*, Seara Nova, Editorial Comunicação, 1981.

SACRAMENTO, Mário, *Há uma Estética Neo-Realista?* 2.^a Edição, Edições Vega, 1985

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar, *Teoria da Literatura*, 7.^a Edição, Livraria Almedina, 1986.

SIMÕES, João Gaspar, *Crítica I - A Prosa e o Romance Contemporâneos*, 2.^a edição, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1999 [1942]

SIMÕES, João Gaspar, *Crítica III – Romancistas Contemporâneos (1942/1961)*, Imprensa Casa da Moeda, s/d.

SIMÕES, João Gaspar, *Perspectiva Histórica da Ficção Portuguesa das Origens ao Século XX*, 2.^a Edição, Publicações D. Quixote – Nova Enciclopédia, 1987.

SONTAG, Susan, *Contra a Interpretação e Outros Ensaios*, Gótica, Lisboa, 2004.

TORGA, Miguel, *Diário I*, 6.^a Edição, s/d, Coimbra

TORGA, Miguel, *Diário V e XIII*, 3.^a Edição, Coimbra, 1974.

TORGA, Miguel, *Ensaios e Discursos*, Publicações D. Quixote, s/d.

TORRES, Alexandre Pinheiro, *O Movimento Neo-Realista em Portugal*, 2.^a Edição, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, Biblioteca Breve, 1983.

WELLEK, René, WARREN, Austin, *Teoria da Literatura*, 5.^a Edição, Publicações Europa – América, s/d.

Outras obras citadas

ABBAGNANO, Nicola, *História da Filosofia*, Volume VII, Editorial Presença, 3ª Edição, 1982.

ABBAGNANO, Nicola, *História da Filosofia*, Volume XI, Editorial Presença, 3ª Edição, 1984.

CAEIRO, Alberto, *Poesia*, Edição Fernando Cabral Martins, Richard Zenith, Assírio & Alvim, 2.ª Edição, 2004.

NOBRE, António, *Só*, Prefácio de Mário Cláudio, Publicações D. Quixote, 1.ª Edição, 2000.

